

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

Programa de Pós-Graduação em Administração
Mestrado

André Mosqueira Possato

**O SENTIDO E IMPACTO DO TRABALHO: Estudo na Guarda Mirim
da cidade de Ponte Nova/MG**

Belo Horizonte
2019

André Mosqueira Possato

O SENTIDO E IMPACTO DO TRABALHO: Estudo na Guarda Mirim da cidade de Ponte Nova/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima.

Área de Concentração: Organização e estratégia.

Linha de Pesquisa: Relações de Poder e Dinâmica nas Organizações.

Belo Horizonte
2019

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a “Deus”, por ter-me apoiado nos momentos difíceis para que eu chegasse tão longe e, obviamente, por ter-me dado a vida, a saúde e tantas pessoas especiais na minha vida.

Ao grande guerreiro Élio Possato, meu pai, pelo apoio incondicional e pela referência tão importante de luta, de dedicação e dignidade que representa em minha vida; e à Cristina Mosqueira Possato, minha mãe e parceira nesta vida, pelo carinho nas horas de desespero e pelo exemplo de paciência, perseverança e amizade que só quem a conhece entende o que estou dizendo. A eles, a minha gratidão por terem sido meus primeiros professores e por serem os meus grandes amores.

À minha amada filha Alice Fietto Possato, por ser a pessoa que é, tão carinhosa e amorosa, e sempre parceira nas minhas decisões.

Ao meu amado filhote Pedro Saraiva Possato, pelo grande companheiro de todos os momentos e também por ser o grande alicerce da minha vida.

Aos meus irmãos Bruno Mosqueira Possato, Flávia Mosqueira Possato e Danilo Mosqueira Possato, por serem meus grandes amigos e apoiadores sempre das minhas escolhas e conquistas.

Às minhas cunhadas Liliane Moret Possato e Ana Rita Silveira Possato, por fazerem parte da minha família e, não diferente dos meus irmãos, por sempre me apoiarem nos momentos difíceis.

Aos meus queridos sobrinhos Lucas Silveira Possato, Caio Silveira Possato e Carolina Possato Cardoso, pelos quais tenho amor de pai e estarei sempre presente para eles.

À minha querida orientadora Doutora Maria Elizabeth Antunes Lima, por tudo que representou no meu processo de orientação. Tenho certeza de que conheci uma

grande profissional, tão respeitada, mas, principalmente, conheci um grande ser humano. Meu profundo respeito e admiração por ter aprendido muito com ela durante a nossa caminhada.

À Neiva Aparecida Pereira Lopes, pelo apoio fundamental nesta caminhada, a quem agradeço profundamente por cada momento de luta pela turma e pelo ombro amigo nos momentos difíceis.

A todos os membros da Guarda Mirim de Ponte Nova, por terem-me acolhido com tanto respeito e atenção em todos os momentos da pesquisa.

Aos meus colegas de turma de Viçosa, pela paciência em dividir as angústias e pelas ricas trocas de experiências.

Ao Professor Doutor Luciano Zille, com quem tanto aprendi na disciplina Seminário de Dissertação, pela grande contribuição a este trabalho e, principalmente, pelo meu crescimento pessoal.

Enfim, a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização deste trabalho.

Não é na ciência que está a felicidade, mas na aquisição da ciência.

Edgar Allan Poe

RESUMO

O objetivo deste estudo consistiu em descrever e analisar como é vivenciado o trabalho pelos jovens inseridos na Guarda Mirim de Ponte Nova, MG, identificando-se possíveis expectativas e impactos relacionados ao primeiro emprego, assim como o sentido do trabalho para esses adolescentes. Trata-se de pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, visando compreender os reflexos do trabalho na adolescência e seus impactos entre aqueles que viveram essa experiência no passado. Participaram desta pesquisa 10 sujeitos, sendo cinco guardas mirins e cinco ex-guardas mirins. Os resultados sugerem que o sentido do trabalho assume características diferentes de acordo com o momento que o guarda mirim está vivendo essa experiência. Observou-se que a motivação inicial para o adolescente entrar na Guarda Mirim é, de modo geral, a obtenção do primeiro emprego e a necessidade de ajudar no orçamento familiar. A pesquisa revelou que, para jovens trabalhadores de classes populares, a inserção laboral representa a possibilidade de transformação de sua realidade, oferecendo-lhes perspectivas melhores. Os resultados evidenciam que a entrada na Guarda Mirim alterou vários comportamentos, permitindo ao adolescente adquirir responsabilidade e disciplina, melhorando as relações familiares e aprendendo a se relacionar melhor com as pessoas em geral. O trabalho aparece também como forma de inclusão social, além de permitir que se mantenha distante de situações consideradas reprováveis. Os depoimentos revelam melhora na autoestima como um dos aspectos positivos da entrada precoce do adolescente no mercado de trabalho. Em suma, observou-se vivência positiva do trabalho pelo adolescente, que, de modo geral, percebe suas atividades como um caminho para alcançar o amadurecimento e adquirir conhecimento e experiência necessários para as próximas atividades empregatícias que vier a realizar.

Palavras-chave: Adolescente – Trabalho Guarda Mirim. Sentido do trabalho. Inclusão social.

ABSTRACT

The aim of this study was to describe and analyze how the work of young people in the Guarda Mirim of Ponte Nova-MG is experienced, identifying possible expectations and impacts related to the first job, as well as the meaning of work for these adolescents. It is a descriptive research with a qualitative approach, aiming to understand the reflexes of work in adolescence and its impacts among those who have lived this experience in the past. Ten subjects participated, of which 5 were guard mirim and 5 were ex-guard mirim. The results suggest that the meaning of the work assumes different characteristics according to the time when the young guard is living the experience. It was observed that the initial motivation for adolescents to enter child custody is, generally speaking, obtaining the first job and the need to help the family budget. The research revealed that, for young working class workers, labor insertion represents the possibility of transforming their reality offering a better perspective of the future. The results suggest that entry into child custody altered several behaviors, allowing the adolescent to acquire responsibility, discipline, improving family relationships, and learning to relate better to people in general. The work also appears to him as a form of social inclusion besides allowing him to stay away from situations that he considers as reprehensible. The testimonies reveal an improvement in self-esteem as one of the positive aspects of the adolescent's early entry into the job market. In short, a positive experience of work by the adolescent was observed. In general, the adolescent perceives his activities as a way to reach maturity, to acquire the knowledge and experience necessary for the next employment activities that he / she may perform.

Keywords: Adolescent – Work Mirim Guard. Sense of work. Social inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Formatura.....	37
Quadro 1– Síntese dos principais estudos sobre a inclusão social e laboral do adolescente.....	25
Quadro 2 – Perfil dos jovens entrevistados da Guarda Mirim	39
Quadro 3– Perfil dos egressos da Guarda Mirim	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CMAS – Conselho Municipal de Assistência Social

CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

CMPN – Câmara Municipal de Ponte Nova

CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social

COPLAN – Cooperativa Mista dos Plantadores de Cana de Minas Gerais

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FEBEM – Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor

FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor

GMPN – Guarda Mirim de Ponte Nova

OCDE – Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico

ONG – Organizações Não Governamentais

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SPELL – Scientific Periodicals Electronic Library

UNIPAR – Universidade Paranaense

UFV – Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	Sentido e significado geral do trabalho	14
2.1.1	Sentido e significado do trabalho para os jovens e adolescentes	16
2.2	A legislação trabalhista para o adolescente brasileiro.....	19
2.3	O trabalho do jovem como fator de inclusão social.....	22
3	PERCURSO METODOLÓGICO	28
3.1	A origem da pesquisa	29
3.2	Coleta de dados: etapas e instrumento.....	30
3.3	A análise dos resultados	32
4	O CAMPO DA PESQUISA.....	33
4.1	Caracterização geral da entidade pesquisada.....	33
4.2	Sobre as atividades desenvolvidas	36
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
5.1	Perfil sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa	39
5.2	Motivação para a entrada na Guarda Mirim	42
5.2.1	Trajetória anterior à entrada na Guarda Mirim.....	42
5.2.2	Motivação para a participação na Guarda Mirim	43
5.3	Expectativa e percepção sobre a Guarda Mirim.....	45
5.4	Reflexos nos contextos familiar e social	47
5.5	A experiência do primeiro emprego	50
5.6	O sentido do trabalho para os adolescentes	53
5.6.1	Aprendizado e expectativa	54
5.7	O significado do trabalho para os ex-guardas mirins.....	56
5.7.1	Impactos sobre o futuro – Ex-guardas mirins	58
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS.....	64
	APÊNDICES	70

1 INTRODUÇÃO

A importância do trabalho para o ser humano tem sido discutida por diversas disciplinas, sendo comum no âmbito das Ciências Humanas analisar sua importância nos processos de construção da identidade e de inserção social dos indivíduos. Para Dejours (2007, p. 21), principal autor da Psicodinâmica do Trabalho, por exemplo, “o trabalho continua sendo um mediador insubstituível da realização pessoal no campo social”. Se considerarmos a perspectiva marxiana, o trabalho é percebido como atividade de mediação por excelência entre o homem e a natureza, o que o permite transformá-la em seu próprio benefício e, ao mesmo tempo, se autotransformar. Nesse contexto, ele é percebido também como ferramenta que permite não apenas o domínio da natureza e a construção de si mesmo, mas serve de base para erigir toda a estrutura social com seu aparato político e cultural (ARAÚJO, 2010).

Para Silva e Pacheco (2017), o trabalho vai além da mera necessidade de sobrevivência, tornando-se essencial para a existência humana e sendo considerado um fenômeno biopsicossocial, pois causa impacto no indivíduo como um todo. Nesse sentido, Antunes (2015) ressalta que o sentido atribuído ao trabalho pelo capital é completamente diverso daquele conferido pela humanidade. No entanto, não se está falando de qualquer trabalho, mas, sim, daquele que confere dignidade às pessoas e lhes permite desenvolver suas potencialidades (CARVALHO, 2004).

Para esse autor, sobretudo, após as recentes mudanças ocorridas no universo laboral, produzindo formas específicas de vínculos empregatícios, não tem sido possível ter acesso a atividades dignas, incluindo o direito ao próprio trabalho e a uma renda. Todos os segmentos, inclusive o de jovens, sofrem tais efeitos, respeitadas as suas particularidades, e as questões sobre a juventude vêm adquirindo um novo *status* nos marcos social e institucional. Nesse sentido, tem crescido o número de movimentos e de iniciativas para que os jovens se organizem e se tornem sujeitos criativos de sua cidadania. Organizações não governamentais (ONGs), empresas e, sobretudo, os poderes públicos têm sido convocados a se posicionarem e proporem respostas a essa questão.

O trabalho para o jovem e o adolescente, segundo Erikson (1987), pode ter implicações positivas quando propicia aprendizagem e é revestido de significado, relacionando, dessa forma, a construção da identidade e a escolha profissional. Ademais, o sentido do trabalho para o jovem, ou adolescente, fundamenta-se em características peculiares, pelo fato de se tratar de um indivíduo em processo de formação que não possui ainda profissão estabelecida; baseia sua inserção nesse contexto mais na sua condição social e na necessidade de participar do orçamento familiar (RIZZO; CHAMON, 2011; FORTUNATTI; LUCAS, 2013).

Por sua vez, o trabalho é visto pelos jovens, de modo geral, como uma possibilidade de acesso à liberdade econômica e ao mercado de consumo, sendo também um meio de alcançar certo poder, permitindo-lhe participar do mercado de consumo e alcançar o *status* de adulto (RIZZO; CHAMON, 2011). Já para Fortunatti e Lucas (2013), o trabalho propicia o desenvolvimento da autonomia do jovem, permitindo-lhe definir melhor suas escolhas pessoais e profissionais, bem como se integrar na sociedade de maneira estruturada.

Quem também abordou o tema foi Moura (2017, p. 220), para quem:

O tempo para descanso, lazer e estudos se torna escasso para esses adolescentes, mas é a independência e relação familiar que mais os preocupam. Os jovens aprendizes em suas falas dão prioridade à qualidade da relação familiar. Geralmente, contemplam o trabalho como um dos principais elos que facilitam a solidariedade, a afetividade e a compreensão no ambiente familiar. Nesse sentido, quando ingressa no mundo do trabalho, o jovem se sente mais integrado à família, que passa a respeitá-lo, passa a proporcionar maior liberdade e autonomia frente a sua própria vida e rotina social.

Na visão de Viana (2015), a sociedade brasileira é permeada por valores morais tradicionais sobre o trabalho, de modo a reproduzir socialmente os mecanismos que legitimam o trabalho precoce como forma de educação que desenvolve a responsabilidade nos indivíduos. No entanto, não somente devido às motivações morais, mas, principalmente, às necessidades econômicas dos desfavorecidos na desigual sociedade de nosso país, é que os jovens se sentem levados a trabalhar. Esse autor acrescenta que, com a desigualdade, os desafios no mundo do trabalho se tornam ainda mais agressivos para os jovens pertencentes à classe dos trabalhadores assalariados. Segundo ele, os jovens oriundos das classes exploradas

encontram-se numa situação ainda mais grave, vivenciando um processo de superexploração e precarização da força de trabalho, e, ao lado disso, tem-se o crescimento do desemprego.

Embora existam traços de trabalho infanto-juvenil no Brasil desde a chegada dos navios da Europa no século XVI, quando jovens se apresentaram como pajens e aprendizes (RAMOS, 1999), foi somente no século XX, a partir de 1927, que passou a vigorar no Brasil o Código de Menores. Nesse código, a criança é definida como “menor carente” ou “menor infrator” (no caso de situação irregular), gerando a criação de instituições como a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM) (ARANTES, 1999).

Com a Constituição Federal de 1988, no seu artigo 227, a criança e o adolescente assumem importâncias legal e social, sob a corresponsabilidade dos diversos atores sociais que devem protegê-los integralmente, resultando no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pela Lei nº 8.069, de 1990. Esse estatuto introduziu uma série de mudanças no trato dado à questão da infância no Brasil (CASSILHA, 2014).

Dessa forma, o ideal de proteção aos “sujeitos em desenvolvimento” ficou evidente no Estatuto da Criança e do Adolescente, além de colocar a questão do trabalho de adolescentes como um problema social. Isso porque os adolescentes trabalhadores são, em sua maioria, provenientes de classes sociais mais baixas que trabalham para complementar a renda familiar. Mas, em outro prisma, alguns estudos têm indicado aspectos positivos no trabalho dos adolescentes (SARRIERA *et al.*, 2001; GUIMARÃES; ROMANELLI, 2002; OLIVEIRA *et al.*, 2010; RIZZO; CHAMON, 2011; FORTUNATTI; LUCAS, 2013). A grande ressalva é de que, para que o trabalho traga, de fato, efeitos benéficos para o jovem, é necessário que este esteja integrado a uma dimensão educativa e não puramente produtiva (SILVA, 2011).

Dados divulgados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) em 2017 evidenciam que o Brasil é um dos seis países com maior taxa de jovens estudantes entre 15 e 16 anos de idade no mercado de trabalho. Segundo o levantamento da Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico

(OCDE) de 2015, 43,7% dos jovens brasileiros nessa faixa etária declararam exercer algum tipo de trabalho remunerado em suas rotinas, antes ou depois de irem à escola. Com esse número, o Brasil fica atrás apenas da Tunísia (47,2%), da Costa Rica (45,3%), da Romênia (45,3%), da Tailândia (43,9%) e do Peru (43,8%). Esse índice também é bastante superior à média dos países membros da OCDE, onde 23,3% dos jovens dessa idade, ou seja, quase a metade da média brasileira, disseram já trabalhar (BERMÚDEZ, 2017).

Nesse sentido, optou-se por investigar adolescentes trabalhadores que participam de uma instituição que oferece apoio para a inserção de jovens no mercado de trabalho, tendo como missão auxiliá-los, orientá-los e assisti-los. A instituição escolhida para o estudo foi a Guarda Mirim da cidade de Ponte Nova, MG (GMPN), constituída em 1990 como entidade filantrópica que trabalha com adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos e 11 meses. A instituição possui como objetivo atender adolescentes em todas as suas necessidades, por meio de atividades específicas, conscientizando e incorporando atitudes progressivamente mais construtivas e positivas, contribuindo para construir um projeto de vida e visando ao aumento da renda familiar. Busca evitar, assim, o trabalho informal, oportunizando infraestrutura voltada para o jovem, como alimentação, seguro de vida, esporte, cultura, assegurando-lhe também a formação escolar, a capacitação e a inserção no mercado de trabalho. A GMPN procura ainda estabelecer parcerias com empresas, órgãos públicos e outras organizações formadoras, visando garantir o respeito aos princípios, valores e diretrizes da Guarda Mirim e do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A iniciativa de estudar este tema partiu do interesse do pesquisador em conhecer um pouco mais a Guarda Mirim de Ponte Nova, uma vez que essa instituição vem prestando serviços à população desde 1990. Além disso, o convívio com várias pessoas que já passaram pela GMPN aumentou ainda mais a motivação em conhecer os impactos dessa experiência na vida do adolescente.

Tendo em vista esse contexto, esta pesquisa buscou conhecer o sentido atribuído pelos adolescentes ao trabalho que realizam. Ademais, visou apreender os impactos do trabalho na vida desses jovens, no seu desenvolvimento e na sua saúde em

geral. Logo, a pergunta norteadora deste estudo: Qual o sentido e impacto do trabalho para os jovens que vivenciam a experiência na Guarda Mirim? Como esse impacto se manifesta durante e após a experiência?

Com o intuito de responder ao problema central da pesquisa, buscou-se descrever e analisar os sentidos e impactos do trabalho entre os adolescentes inseridos na Guarda Mirim de Ponte Nova, bem como entre os egressos dessa instituição. Para alcançar esse objetivo, procurou-se também identificar e descrever a realidade sociodemográfica dos sujeitos pesquisados, assim como descrever os motivos que levam os adolescentes a participar da Guarda Mirim; identificar e descrever o sentido do trabalho para os sujeitos pesquisados; descrever os impactos do trabalho na Guarda Mirim sobre a família e o contexto social; analisar as conquistas e as perspectivas dos adolescentes inseridos no projeto; e, finalmente, descrever o impacto da participação da Guarda Mirim para quem já passou por essa experiência.

Esta pesquisa se justifica dos pontos de vista acadêmico, institucional e social. Do ponto de vista acadêmico, os resultados poderão contribuir ao trazer novos elementos suscetíveis de enriquecer as reflexões em torno de um tema relativamente pouco conhecido.

Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa, em agosto de 2018, no *site* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), em artigos publicados em congressos, assim como no *site* da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), com a palavra-chave “guarda mirim”. Foi possível localizar somente duas dissertações referentes a esse tema advindas do *site* da BDTD, ambas referentes ao ano 2008. A primeira foi de Smaniotto (2008), que estudou as manifestações das classes dominantes em Marechal Cândido Rondon, e, principalmente, a formação e atuação do Centro de Integração Comunitário 12 de Outubro (Guarda Mirim) no município, por meio da investigação sobre a relação "pedagógica" na Guarda Mirim.

A segunda dissertação, defendida por Silva (2008), buscou avaliar a influência da contratação e processo de aprendizagem de mão de obra adolescente na cultura

organizacional de empresas, por meio do Projeto Adolescente Aprendiz, que adota um curso técnico profissionalizante e encaminha os participantes para a aprendizagem prática nas empresas. Aquela autora discutiu e analisou conceitos como os de aprendizagem organizacional, aprendizagem profissionalizante, gestão da aprendizagem, cultura organizacional, gestão da cultura e conhecimento. A pesquisa constatou que, apesar de haver a percepção do uso dos aprendizes como mão de obra barata, a colaboração deles nas empresas é significativa, conquistando, gradativamente, a confiança dessas organizações (SILVA, 2008).

No Google Acadêmico foram localizadas mais duas dissertações envolvendo “guarda mirim”: a de Salveti (2017) e a de Almeida (2017). A primeira retratou a educação na Guarda Mirim de Santa Bárbara D’Oeste, SP, no período de 1971 a 1998. Essa pesquisa delimitou uma linha histórica da instituição no período pesquisado, dividindo-a em duas partes: a primeira de 1971 até 1992; e a segunda de 1992 até 1998, representando duas divisões fundamentais no que diz respeito ao tipo de educação oferecido. Constatou-se que o primeiro período pesquisado remete a um modelo educacional baseado exclusivamente na doutrinação cívica, moral e social do jovem. Já o segundo se preocupa, para além dos objetivos educacionais anteriores, com a educação profissionalizante de seus alunos. Por sua vez, a segunda dissertação retratou os significados de feminilidades e as espacialidades nas memórias das alunas egressas da Escola de Guardas Mirins Tenente Antônio João, na Cidade de Ponta Grossa, Paraná. Essa instituição foi criada na década de 1960, com o propósito de possibilitar a ascensão social de meninos, contando com o apoio de diversas pessoas e organizações da sociedade. A escola incorporou em sua organização elementos do espiritismo kardecista, do militarismo e da maçonaria, os quais se colocaram como colaboradores para a fundação e manutenção dessa escola. Os ideais advindos desses grupos defendem estudar, trabalhar e progredir como trinômio de base para a formação e convívio em sociedade das pessoas assistidas. No decorrer da história dessa instituição, diversas foram as alterações para manter e ampliar o caráter assistencial de apoio a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, entre elas a inclusão de meninas como discentes, 11 anos após sua fundação. Essa dissertação apresentou as lembranças guardadas nas memórias das alunas egressas como espaço complexo, performático e paradoxal, uma conjuntura aberta para a constituição de múltiplas feminilidades, em

que a emoção toma conta da ressignificação, conflitando passado, presente e futuro dessas ex-guardas mirins.

No entanto, apesar do interesse acadêmico dos estudos mencionados, é preciso admitir que o conhecimento em torno dessa instituição ainda é escasso, o que reforçou a necessidade de realizar esta pesquisa.

Sob o prisma institucional, considera-se relevante a discussão a respeito de programas que insiram o jovem no mercado de trabalho e que, ao mesmo tempo, também tenham dimensão educativa. Nesse sentido, este estudo buscou enfatizar também as dimensões institucionais da Guarda Mirim de Ponte Nova- MG.

Do ponto de vista social, o estudo tentou contribuir com os conhecimentos sobre a experiência do trabalho para os adolescentes, apresentando o sentido, o significado e as vivências, assim como as expectativas de adolescentes participantes do Projeto da Guarda Mirim. Dessa forma, ao tentar compreender o sentido dessa experiência, esse empreendimento trouxe elementos de reflexão sobre a validade, do ponto de vista da sociedade, de se aderir à proposta dessa instituição.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos, considerando esta introdução. No capítulo 2, apresenta-se o referencial teórico que norteou este estudo, envolvendo o sentido e o significado do trabalho para o jovem e o adolescente, a legislação trabalhista para o adolescente e o trabalho do jovem como fator de inclusão social. No capítulo 3 está descrito o percurso metodológico da pesquisa, enquanto no capítulo 4 se encontra o campo da pesquisa, caracterizando a instituição pesquisada. No capítulo 5, procede-se à descrição e análise dos resultados. Finalmente, no capítulo 6, apresentam-se as considerações finais da pesquisa e na sequência, as referências e os apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta a revisão da literatura sobre a temática em estudo. Por sua relevância, foram abordados os seguintes tópicos: sentido e significado geral do trabalho; sentido e significado do trabalho para os jovens e adolescentes; a legislação trabalhista para o adolescente brasileiro; e o trabalho do jovem como fator de inclusão social.

2.1 Sentido e significado geral do trabalho

O trabalho assume características diferentes de acordo com cada época, cultura e sociedade. Da mesma forma, seu sentido também varia conforme a época, sendo mais ou menos valorizado e assumindo um lugar mais ou menos central em cada momento histórico (LIMA, 2007). As reflexões dos filósofos em torno do trabalho são encontradas desde períodos remotos, em obras como as de Homero, cerca de 700 a. C., e tendo seu ápice com os filósofos Platão, Sócrates e Aristóteles, entre outros. Tais reflexões eram dispersas e, muitas vezes, contraditórias, e alguns clássicos valorizavam mais a atividade política e se referiam ao trabalho como atividade menor, exaltando o ócio. A escravidão era entendida como natural, e as profissões dos artesãos e comerciantes eram desprezadas pelos gregos, por exemplo. E tal visão influenciou a sociedade ocidental, que durante séculos conservou a qualificação de trabalhadores para aqueles que trabalhavam com as mãos ou com esforço físico (MIGEOTTE, 2005), além de perpetuar a cisão entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Pode-se entender a partir daí a própria origem do termo trabalho, que vem do latim *tripalium*, que se refere a uma ferramenta de três dentes utilizada na agricultura e que servia também como instrumento de tortura. Para Both (2004), essa ideia de trabalho como tortura foi reforçada pela tradição católica, que o concebia como condenação do homem pelo pecado original, caracterizando-o como labuta penosa.

Posteriormente, a concepção a respeito do trabalho mudou completamente como se pode ver em Marx (1989), por exemplo, para quem é o fato de trabalhar que

distingue o homem dos outros animais, isto é, por produzir os seus próprios meios de subsistência. Nessa perspectiva, o trabalho passa a ser entendido como uma dinâmica envolvendo a interação entre o homem e a natureza, ou seja, uma forma de ação do homem sobre a natureza, transformando-a em seu próprio benefício e se transformando ao mesmo tempo. O ato de trabalhar passa a ser visto como uma forma de objetivar-se no mundo, sendo esse processo de criação e reprodução material da vida do indivíduo na sociedade, nas relações com outras pessoas e com a natureza que conduziu às reflexões em torno da centralidade do trabalho (MAAR, 2006). Tais reflexões colocam o trabalho como central, tanto em termos sociais, enquanto organizador por excelência da sociabilidade, quanto em termos pessoais, como elemento essencial na construção da identidade. É nesse sentido que Tolfo e Piccinini (2007) concluem que a centralidade do trabalho pode ser entendida como o nível de relevância e o valor do trabalho na vida de uma pessoa em determinado período de tempo, revelando em que medida ele é central para a autoimagem.

Giddens (2005) vai na mesma direção quando afirma que, para boa parte da população, o trabalho integra um grande espaço na vida mais do que qualquer outra atividade. Essa atividade contém aspectos ligados ao dinheiro, que é um dos principais meios que muitos utilizam para satisfazer seus desejos, mas vai além ao proporcionar o desenvolvimento das potencialidades, permitir uma vida mais dinâmica e variável devido ao acesso a contextos diferentes do ambiente doméstico, oferecer um modo de organização do espaço temporal ao organizar a rotina do dia, semana, mês e ano e, finalmente, proporcionar contatos sociais e identidade social e coletiva, trazendo a sensação de pertencimento.

Enfim, de acordo com Lundberg e Peterson (1994), a centralidade do trabalho representa a relevância que a pessoa atribui a ele, isto é, ao papel que ele exerce em sua vida. E Thiry-Cherques (2004) corrobora essa ideia, acrescentando que essa centralidade faz que o indivíduo se sinta parte das formações sociais e identificado com o produto do seu trabalho.

No entanto, pode-se dizer que na contemporaneidade ocorre uma crise nos contextos de trabalho que vem colocando em xeque a própria ideia de sua centralidade. Tolfo e Piccinini (2007) citam algumas dessas mudanças como os

avanços tecnológicos, a forma da organização do trabalho ou a flexibilização do trabalho. Segundo esses autores, as novas formas de se trabalhar e controlar o trabalho estão dando um novo sentido ao trabalho, tanto na vida pessoal quanto social.

Ademais, a chamada reestruturação do mundo do trabalho trouxe outros desafios a serem enfrentados para garantir a sobrevivência em um mercado de trabalho marcado pela forte concorrência entre profissionais (ANTUNES, 1999). As profundas e constantes mudanças exigem desses trabalhadores alto nível de flexibilidade e de comprometimento com os valores estabelecidos pela organização (TONON; GRISCI, 2015).

Segundo Morin (2001), o trabalho cheio de sentido é aquele que o sujeito tem liberdade e vontade de realizá-lo, sendo exercido individualmente, mas sem perder seu cunho social, ou seja, ele contribui para a construção da identidade, mas também para o funcionamento da sociedade em geral. Assim, o sentido do trabalho ultrapassa as barreiras do individual e envolve o espaço social e coletivo, sendo fundamental para os indivíduos aprenderem a respeito de si mesmo por meio do outro, desenvolvendo laços de confiança, convivência e solidariedade (DEJOURS, 2001). Daí a importância de se oferecer um ambiente saudável de trabalho, uma vez que se percebe o tempo de trabalho e fora dele como continuidade dificilmente dissociável, ou seja, as vivências negativas no trabalho irão repercutir no espaço extratrabalho (DEJOURS 1998). Assim, não se pode esquecer de que o contexto laboral é repleto de contradições, podendo ser fonte de prazer e de realização pessoal, mas também de processos graves de alienação, o que acarreta consequências negativas para a saúde física e mental dos trabalhadores (MERLO, 2002).

2.1.1 Sentido e significado do trabalho para os jovens e adolescentes

O estudo da temática envolvendo o trabalho do adolescente tem caráter multidisciplinar, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, como a Psicologia, a História, as Ciências Jurídicas, as Ciências Econômicas, a Sociologia, as Ciências

da Gestão, entre outras, que se complementam no estudo deste fenômeno (FERREIRA, 2014).

Embora exista polêmica em torno da pertinência em permitir que o adolescente trabalhe, algumas pesquisas têm revelado que o trabalho pode ter implicações positivas para ele quando propicia aprendizagem e é revestido de significado; Erikson (1987) relaciona tal experiência com a escolha profissional. Melhor explicando, no seu processo de formação da identidade, o adolescente sintetiza identificações pregressas em uma nova estrutura psicológica, processo no qual três questões básicas estão presentes: a escolha da ocupação, a adoção de valores e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória. A escolha profissional, portanto, é formadora da identidade do jovem, que estrutura sua vida a partir dos compromissos ideológicos, pessoais e laborais que assume (ERIKSON, 1987).

Nesse sentido, Kimmel e Weiner (1998) concluem que o jovem desenvolve normativamente sua identidade quando toma decisões ocupacionais de maneira mais racional e sistemática, marcada pela exploração vocacional e pela autoconfiança. Para esses autores, à medida que esse jovem encontra oportunidades no âmbito profissional, vai reduzindo gradualmente a sua lista de possibilidades, quando, então, ele decide por uma profissão que seja de seu interesse e compatível com suas aptidões.

Já Codo (1992) argumenta que a execução de um trabalho em contexto adverso, isto é, quando as condições laborais se apresentam desfavoráveis, pode acarretar consequências negativas para o desenvolvimento do adolescente, embora reconheça que, por fazer parte da existência humana, a experiência do trabalho é importante na construção da identidade. Portanto, tudo indica que, para esse autor, a restrição ao trabalho para o adolescente se limita àquele que não lhe oferece condições adequadas.

Rizzo e Chamon (2011) consideram que o significado do trabalho para um jovem ou adolescente possui características peculiares, pois este se encontra em processo de formação, não possuindo ainda profissão estabelecida, embora necessite do salário para se manter e auxiliar na renda familiar. No entanto, essas autoras salientam a

importância que o trabalho assume para esses jovens, visto que é identificado com a liberdade econômica e, ao mesmo tempo, com a possibilidade de acesso ao mercado de consumo. Outro fator destacado é o sentimento de utilidade que eles desenvolvem, passando a se sentir mais importantes e valorizados. Assim, um ganho concreto do trabalho nesse contexto está no fato de permitir que o adolescente alcance outro patamar ao complementar o orçamento familiar, participar do mercado de consumo e adquirir o *status* de adulto.

Da mesma forma, Fortunatti e Lucas (2013) apontam que a inserção do adolescente no mercado de trabalho se baseia na sua condição social e na possibilidade de aumentar o poder aquisitivo familiar, sendo este o principal motivo que mobiliza o jovem a trabalhar desde cedo. Assim, quando se fala em trabalho do adolescente, comumente não são ponderadas as diferenças nas classes sociais, sendo necessário considerar as possibilidades geradoras das necessidades de cada um, ou seja, diferenciar os que podem optar por trabalhar dos que dependem do trabalho para o seu sustento.

É nesse sentido que vão as ponderações de Moura (2017) quando afirma que a atividade remunerada na vida dos jovens não representa apenas uma ocupação, reconhecimento profissional ou experiência, mas, sobretudo, uma renda. Isso porque, por meio do salário, se complementa o rendimento familiar e se satisfaz o desejo de consumo desses jovens. E complementa dizendo que a valorização pelo trabalho é maior quando se trata do mercado de trabalho formal, pois, além do salário, a carteira assinada representa os direitos do trabalhador, fazendo o emprego assumir mais importância na sua vida.

De modo geral, a formação da identidade do jovem ou adolescente está centrada na família, na escola, na vida social, mas pode também ocorrer no trabalho. Nessa ótica, a possibilidade de inserção profissional resultará no desenvolvimento de sua autonomia, demonstrando poder de definir as escolhas pessoais e profissionais e delineando a adaptação e a integração do jovem à sociedade de maneira estruturada. Quando os pais apoiam seus filhos nessa experiência, isso se refere quase sempre ao amadurecimento, comprometimento e responsabilidade que o trabalho pode oferecer (FORTUNATTI; LUCAS, 2013).

Oliveira *et al.* (2010) confirmam essa percepção dos pais ao concluírem que o trabalho na adolescência pode ter implicações positivas quando propicia a aprendizagem, o desenvolvimento e o amadurecimento pessoal. Para esses autores, o estudo que realizaram em torno de adolescentes que trabalham trouxe evidências de desenvolvimento da responsabilidade. Trouxe também amadurecimento, no sentido de aumentar a autoconfiança, a autoestima, o aprendizado das relações sociais, sendo tudo isso proporcionado pelo ambiente de trabalho e pelas tarefas ali solicitadas.

Em estudo realizado por Coutinho e Gomes (2006) com jovens universitários, os participantes disseram estar em busca de um trabalho satisfatório e prazeroso que suprisse suas necessidades nos planos afetivo, cognitivo, social e financeiro. Porém, foi encontrada uma distinção entre os significados de trabalho e de emprego, em que os jovens entendem o emprego como uma forma de produção de riquezas, enquanto o trabalho é associado a uma atividade que oferece um sentido pessoal, auxiliar na construção da identidade e no relacionamento com outras pessoas.

2.2 A legislação trabalhista para o adolescente brasileiro

Como já foi mencionado, a história do trabalho infante-juvenil no nosso país remete à chegada de jovens europeus, no século XVI, trabalhando como pajens, com a função básica de aprendizes, ou atuando como ajudantes nos navios. Eles eram submetidos a toda a sorte de perigos, maus tratos, humilhações, abusos e passando por sérias necessidades. Essas crianças e adolescentes, não sobreviviam, em sua grande maioria, às longas viagens marítimas (RAMOS, 1999).

Arantes (1999) relata que, de 1927 a 1990, no Brasil vigorou o Código de Menores, destacando que, na sua segunda versão, todas as crianças e jovens eram tratados como potencialmente perigosos, por meio dos termos menor abandonado, carente, infrator, isto é, apresentando conduta considerada antissocial e sendo deficiente ou doente, ocioso, perambulante. Nesse contexto, eram passíveis, a qualquer momento, de serem enviados às instituições de recolhimento. Na prática, isso significava que o Estado podia, pelo Juiz de Menor, destituir determinados pais do seu pátrio poder mediante a decretação da sentença de situação irregular. No

entanto, segundo aquele autor, se a irregularidade era dada por uma sentença do juiz e se os menores de idade eram considerados não responsáveis por sua pobreza ou infração, cabia uma discussão em torno de como aplicar-lhes uma pena ou castigo, e o recurso era imputar a eles uma pena-tratamento ou uma pena-ressocialização. Melhor explicando, faltava à instância jurídica dar operacionalidade às medidas, definir o conteúdo médico-psicossocial-cultural da irregularidade cometida pelo jovem. A criança pobre passou a ser definida como “menor carente” ou “menor infrator” (hipóteses de situação irregular) e, por meio de um conteúdo médico-psicossocial atribuído a esses menores, as medidas (ou penas) para sanar tal situação, dita de irregularidade, foram deslocadas para os próprios menores e não para a situação. Foi nesse período que surgiram as instituições conhecidas nacionalmente como FUNABEM e FEBEM, valendo-se de modelos correccionais (ARANTES, 1999).

Com o advento da Constituição Federal de 1988, a criança e o adolescente assumem importância legal e social, sob a égide da corresponsabilidade dos diversos atores sociais que devem protegê-los integralmente:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Dessa forma, ocorreu uma articulação em prol de uma lei que colaborasse decisivamente para a exigibilidade dos direitos constitucionais aos direitos infanto-juvenis, resultando no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069/1990, sancionada pelo então presidente Fernando Collor, no dia 13/07/1990, sendo o Código de Menores revogado totalmente. O ECA introduziu uma série de mudanças ao trato dado à questão da infância no Brasil, tendo sido mais do que uma simples substituição do termo menor para criança e adolescente, uma vez que representou uma nova forma de considerar a infância e a juventude. Com isso, observa-se uma transformação na condição sociojurídica infanto-juvenil, colaborando substancialmente para a conversão de "menores" em "cidadãos-crianças" e "cidadãos-adolescentes" (CASSILHA, 2014).

Essa nova identidade social proveniente do ECA dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, considerando criança a pessoa com até 12 anos de idade incompletos e adolescentes de 12 a 18 anos de idade. A criança e o adolescente até 21 anos de idade passam a ser reconhecidos como cidadãos e sujeitos, sendo lhes assegurado o acesso ao sistema de garantia de direitos. Os menores de 18 anos de idade, por sua vez, são considerados inimputáveis perante a lei (BRASIL, 1990).

No Capítulo V do ECA consta o direito à profissionalização e à proteção no trabalho dos menores. Como preconiza a Constituição Federal no seu artigo 7º, inciso XXXIII, é proibido oferecer qualquer trabalho a menores de 14 anos de idade, sendo permitido que trabalhem na condição de aprendiz a partir dessa idade (BRASIL, 1988, 1990). Ainda em relação ao trabalho do adolescente, o ECA menciona que a proteção do trabalho será regulada por lei especial e os cursos de aprendizagem e a formação técnico-profissional deverão ocorrer segundo as Diretrizes e Bases da Legislação da Educação e obedecendo aos princípios de garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular; de exercício de uma atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente; e de ser oferecido um horário especial para o exercício das atividades (BRASIL, 1990).

O ECA assegura também aos adolescentes até 14 anos de idade a bolsa de aprendizagem e aos maiores de 14 anos os direitos trabalhistas e previdenciários. A lei proíbe ao adolescente empregado como aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não governamental, o trabalho noturno, realizado entre as 22 horas de um dia e as 5 horas do dia seguinte; perigoso, insalubre ou penoso; realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social; realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola (BRASIL, 1990).

O Estatuto da Criança e do Adolescente também tem a previsão da inserção a algum programa social que tenha por base o trabalho educativo sob a responsabilidade de entidade governamental ou não governamental sem fins lucrativos, devendo assegurar ao adolescente que ele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada. Entende-se por

trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevaleçam sobre o aspecto produtivo. A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo. No seu Artigo 60, o adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, desde que sejam observados os seguintes aspectos: respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento e a capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho (BRASIL, 1990).

A legislação específica que trata o ECA foi criada por meio da Lei nº 10.097/2000, entendida como a lei da aprendizagem, que objetiva a inserção de jovens de 14 a 24 anos de idade em programas de aprendizagem. O intuito declarado é oferecer a primeira oportunidade de trabalho que respeite a condição de pessoa em desenvolvimento e garanta seus direitos trabalhistas e previdenciários, sem deixar de estimulá-lo a continuar os estudos e o desenvolvimento profissional (BRASIL, 2000).

Dessa forma, ao aproximar os direitos da criança e do adolescente dos direitos de toda pessoa humana, o ECA traz a profissionalização como ação necessária para a inserção dos jovens no ambiente do trabalho, considerando-se sua condição especial de pessoa em desenvolvimento.

2.3 O trabalho do jovem como fator de inclusão social

Segundo Pereira *et al.* (1994), historicamente o trabalho sempre esteve presente na vida de crianças e adolescentes das camadas populares mais baixas, em que, no nosso caso, o modelo pelo qual se organiza a sociedade brasileira gera desigualdades e impede a criação de mecanismos que revertam o processo de concentração de renda e de propriedade. Na verdade, o que muda com o passar do tempo é a proporção da demanda e da oferta, as formas de inserção no mercado e as próprias condições do trabalho destinado ao segmento infantil. Seja como for, a pobreza e a miséria persistentes na história da humanidade levam os adultos a lançarem mão de seus filhos nas estratégias de sobrevivência do grupo familiar, e o

mercado de trabalho oferece espaços e incentiva a incorporação dessa mão de obra.

Ainda segundo Pereira *et al.* (1994), nesse contexto é comum o próprio adolescente buscar trabalho objetivando aumentar a renda familiar. Na maioria das vezes, encontra-o em atividades que exigem pouca ou nenhuma qualificação e que não abrem perspectivas. Ademais, o trabalho precoce pode produzir outros impactos negativos relatados por Cruz Neto e Moreira (1998), como desmotivação, cansaço e problemas de saúde.

Entretanto, como destacam Guimarães e Romanelli (2002), apesar de estar submetido ao controle que os superiores exercem sobre suas atividades laborais, o adolescente que trabalha também tem a oportunidade de conviver com iguais e aprender a ordenar suas formas de sociabilidade e suas representações, o que amplia suas experiências e contribui para o processo de amadurecimento psicológico e intelectual. Esses autores enfatizam igualmente o aumento da autoestima e do sentimento de responsabilidade como aspectos positivos e benéficos da entrada precoce do adolescente no mercado de trabalho. Nesse contexto, Fortunatti e Lucas (2013) perceberam, por meio de seus estudos com adolescentes que vivenciam positivamente o trabalho, ainda que como iniciantes profissionalmente, que eles visualizam sua função como a maneira de produzir conhecimento e amadurecimento, permitindo-lhes adquirir experiência para as próximas atividades empregatícias que vierem a realizar. É nesse sentido que é possível perceber essa inserção como forma de inclusão do adolescente em situação de vulnerabilidade social.

Ademais, é importante entender que a condição de exclusão social pode ser vivida pelo jovem como sinônimo de desemprego (SARRIERA *et al.*, 2001), e tal condição, de acordo com Seligmann-Silva (1994), pode se configurar para o jovem como duro impedimento para seus projetos, colocando-o diante de um sofrimento solitário. Nesse sentido, Sarriera (1995) aponta que a procura frustrada do primeiro emprego poderá conduzir ao adoecimento, à apatia ou à marginalidade, uma vez que o jovem se sente impedido de adquirir determinado *status* social ou de se autoafirmar como cidadão ativo e produtivo. É por essa razão que, segundo Sarriera e Verdin (1996),

os jovens desempregados apresentam menor nível de bem-estar psicológico, expressando um sentimento de “vazio” e impotência diante das dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

Para Amazarray *et al.* (2009), embora a dupla jornada trabalho-estudo represente desgaste e esforço, muitos adolescentes desejam conciliar as duas atividades, percebendo elementos positivos nessa concomitância de tarefas laborais e escolares. Entre os aspectos positivos, eles assinalaram a maior maturidade do aluno trabalhador, o aprendizado resultante do trabalho, a construção de um futuro que lhe permita ascender uma carreira profissional e a possibilidade de superação da atual condição de classe. Nesse contexto, Oliveira *et al.* (2003) afirmam que os benefícios percebidos pelos adolescentes da conciliação estudo-trabalho são, sobretudo, morais, no sentido de atribuir um *status* de adulto ao jovem em razão da assunção de responsabilidades. Os estudos de Sarriera *et al.* (2001) apontaram igualmente que, para jovens trabalhadores de classes populares, a inserção laboral representa a possibilidade de transformação de sua realidade social para uma perspectiva melhor. São esses aspectos que os referidos autores consideram como favoráveis à inserção social do adolescente em situação de vulnerabilidade.

Já autores como Campos e Francischini (2003) e Asmus *et al.* (2005) consideram que o trabalho precoce expressa apenas uma ideologia de valorização do trabalho, mostrando-o como dignificante e almejado pelos pais, porque afasta crianças e adolescentes da marginalidade, sendo tal valor incorporado pelos próprios adolescentes. Ressaltaram ainda que essa condição do trabalho precoce desses jovens é relacionada, na maioria das vezes, com a situação financeira das famílias, descrevendo-o como obrigação para ajudar na economia doméstica.

Para Rizzo e Chamon (2011) reforçam essa crítica dizendo que o trabalho aparece como forma de fugir da condição social, como se o fato de trabalhar impedisse que o jovem se envolvesse com coisas erradas por não ter tempo ocioso, mas, principalmente, por estar com a mente ocupada. Nesse sentido, o trabalho é mais valorizado que o estudo, pois o fato de frequentar a escola não é visto como fator que impeça o adolescente de se envolver com atividades moralmente reprováveis. Acrescentam ainda que, apesar de o trabalho muitas vezes assumir uma conotação

negativa, por atrapalhar os estudos ou não ser socialmente valorizado, prevalece a tentativa de conciliar essa dupla jornada, pois o jovem acredita que esta será a oportunidade de mudar sua realidade social e financeira, garantindo, assim, um futuro diferente. Assim, o adolescente parece ter consciência das dificuldades que irá enfrentar no mercado de trabalho, mas alimenta a esperança de que uma experiência profissional poderá ajudá-lo em sua trajetória.

Ao trazer novos elementos que poderão esclarecer melhor essa polêmica, estudo realizado por Moura (2017) com jovens em situação de risco e vulnerabilidade social, geralmente encaminhados ao Programa Jovem Cidadão por meio dos Conselhos Tutelares, revelou que, para esses jovens, a inserção no mundo do trabalho se compara a uma realização pessoal. Melhor explicando, eles percebem que a família e a sociedade passam a respeitá-los pela condição de trabalhadores, passam a enxergá-los de outra forma, sua autoestima se eleva e eles se sentem independentes, responsáveis e satisfeitos. O maior poder de consumo também explica o sentimento de satisfação, pois, segundo esses jovens, é importante poder comprar o que necessitam e o que desejam com dinheiro do próprio trabalho.

Podem-se enumerar alguns estudos que abordaram essa questão do trabalho como fator de inclusão social para o adolescente, conforme relacionados no Quadro 1.

Quadro 1– Síntese dos principais estudos sobre a inclusão social e laboral do adolescente

(Continua)

Autor/Ano	Objetivo principal	Síntese dos resultados
Sanriera <i>et al.</i> (2001)	Orientar os adolescentes na busca do primeiro emprego e conhecer as características da construção da identidade vocacional.	Concluiu-se que a inserção laboral representava a transformação da realidade social de exclusão e sofrimento, pela perspectiva de melhoria do nível de qualidade de vida.
Amazarray <i>et al.</i> (2009)	Conhecer a experiência de adolescentes em processo de inserção laboral, com idades entre 15 e 16 anos, em contrato de aprendizagem em empresa pública.	A percepção dos adolescentes foi de que a experiência de aprendizagem os colocou numa situação privilegiada para a formação profissional. Expectativas acerca do futuro laboral revelaram insegurança e desinformação quanto ao mercado de trabalho. Uma das evidências da pesquisa foi a importância da experiência para a construção da identidade de trabalhador e da realização de programas de acompanhamento de adolescentes aprendizes.

(Continuação)

Autor/Ano	Objetivo principal	Síntese dos resultados
Costa e Alípio (2010)	Investigar o sentido do trabalho para os jovens que cumprem a medida socioeducativa em cumprimento de determinação judicial de conflito com a lei.	O estudo demonstrou que, para a maioria dos jovens, não se trata de um trabalho, mas somente do cumprimento de determinação judicial. Mesmo nesse contexto, os jovens referem-se ao trabalho como determinante na construção de suas identidades pessoais e na inserção social.
Rizzo e Chamon (2011)	Analisar o significado do trabalho para adolescentes carentes que frequentam uma organização não governamental (ONG).	Foram detectados três sentidos: carreira profissional, na qual o trabalho aparece como uma via para ascensão social; trabalho como meio de prover a si e a família; projeto pessoal, o trabalho aparece associado à responsabilidade e participação social.
Fortunatti e Lucas (2013)	Compreender o sentido atribuído ao trabalho na vida dos adolescentes desenvolvido no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).	O resultado do estudo demonstrou que o sentido atribuído ao trabalho pelos adolescentes foi positivo, pois obtiveram independência financeira, adquiriram bens de consumo, denotando um amadurecimento pessoal. O trabalho demonstrou auxiliar no seu desenvolvimento e a geração de novas oportunidades de emprego, podendo resultar em ascensão profissional.
Ferreira (2014)	Investigar as representações sociais do trabalho entre adolescentes trabalhadores inseridos em um programa de aprendizagem laboral na cidade de São José dos Campos-SP.	Concluiu que o trabalho para os adolescentes pesquisados se relaciona à aquisição de responsabilidades e amadurecimento, além de contribuir para seu reconhecimento diante da sociedade e para a formação de sua identidade. Vinculam-se também à aquisição de aprendizagens experiências e oportunidades no mercado de trabalho. O trabalho apresenta-se como um caminho natural, representado positivamente por estar vinculado a uma dimensão de aprendizagem.
Alonso <i>et al.</i> (2016)	Descrever a percepção de jovens aprendizes egressos sobre a relevância da experiência vivenciada no programa de aprendizagem para sua vida e carreira.	O estudo revelou que a inserção laboral acarreta mudanças no âmbito das relações interpessoais, possibilitando a formação de novos vínculos entre jovens e adultos e promovendo mudanças positivas à medida que desenvolve competências comportamentais e técnicas.
Moura (2017)	Mostrar o sentido do trabalho para o jovem aprendiz do Programa Jovem Cidadão, assim como as percepções desses jovens na relação entre suas vidas e o trabalho.	Constatou-se uma relação cotidiana com o trabalho que o constitui como fenômeno valorativo de outros fenômenos sociais. Os jovens aprendizes percebem como positivas as transformações que o trabalho pode proporcionar nas relações familiares, como gerando mais solidariedade e união familiar, ao mesmo tempo que tornam os jovens mais autoconfiantes, autônomos e independentes.
Pedro (2017)	Procurar entender o sentido do trabalho a partir da formação e inserção no trabalho formal do jovem em conflito com a lei.	Concluiu-se que as noções compartilhadas socialmente se repetem no âmbito institucional em que o trabalho legal é percebido como solução para a violência e a saída do jovem da criminalidade. Essa atividade adquire caráter disciplinador sobre os indivíduos que se encontram fora das normatizações sociais, mas ao mesmo tempo pode dar um novo sentido à sua vida, permitindo-lhe identificar outros caminhos.

Fonte: Elaboração do autor, 2018.

Assim, embora a polêmica exposta anteriormente ainda permaneça, os estudos elencados são praticamente unânimes em concluir que a inserção do jovem e do adolescente no mercado do trabalho, além das experiências vivenciadas por eles nos mais diversos programas de trabalho, foram positivas. De modo geral, constatou-se que a inserção laboral representava a transformação da realidade social de exclusão e sofrimento, pela perspectiva de melhoria do nível de qualidade de vida. Nesse sentido, o estudo cujos resultados serão expostos a seguir pretende ser mais uma contribuição para a busca de respostas às questões suscitadas pelos pesquisadores a respeito dos impactos do trabalho na vida e subjetividade do adolescente, podendo ou não atuar como elemento de inclusão desse jovem quando ele se encontra em situação de vulnerabilidade social.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos do estudo, foi realizada uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2009), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição de características de determinada população ou fenômeno, sendo também qualitativa quando busca descrever os aspectos subjetivos envolvidos na problemática a ser estudada e possui como objetivo conhecer novos fenômenos, envolvendo dimensões sociais e políticas econômicas da vida, tanto individual quanto coletiva (CERVO; BERVIAN, 2002). Este estudo pode ser assim classificado por ter buscado descrever os sentidos atribuídos ao trabalho pelos adolescentes inseridos na Guarda Mirim de Ponte Nova, bem como analisar e descrever os possíveis impactos desta experiência em suas vidas.

Assim, a abordagem qualitativa diz respeito às qualidades e características não numéricas da coleta de dados e da sua análise, portanto seus resultados não se comprovam numérica ou estatisticamente, mas são demonstrados a partir de uma análise detalhada, abrangente, consistente e coerente, assim como pela argumentação lógica das ideias (COLLIS; HUSSEY, 2005). Para Creswell (2010), a abordagem qualitativa é uma forma encontrada pelos pesquisadores para interpretar o que enxergam, ouvem e entendem a partir de situações inerentes às suas origens, histórias, contextos e entendimentos anteriores. Para isso, procuram entender o fenômeno segundo a perspectiva dos atores sociais para, então, interpretar a realidade social na qual estão inseridos.

Foi esse o caminho percorrido, neste estudo, para compreender as experiências dos guardas mirins da cidade de Ponte Nova, localizada no Estado de Minas Gerais. O método adotado foi o estudo de caso, definido como um tipo de trabalho cuja finalidade consiste em investigar um fenômeno em profundidade e dentro de seu contexto da vida real. Essa abordagem permite, portanto, compreender questões relacionadas ao contexto social, utilizando observações e interpretações sobre as informações fornecidas pelos sujeitos pesquisados (YIN, 2010). Para Bogdan e Biklen (1994), o método estudo de caso tem a possibilidade de analisar o fenômeno

in loco, de maneira mais profunda e sob a percepção dos sujeitos envolvidos no fenômeno.

Neste estudo, foi analisado o contexto de uma instituição, a Guarda Mirim da cidade de Ponte Nova, MG, de modo a compreender questões relacionadas às suas várias dimensões, utilizando-se de observações e interpretações em profundidade sobre as informações fornecidas pelos sujeitos da pesquisa.

3.1 A origem da pesquisa

O interesse por este estudo se deu após o pesquisador presenciar, em Ponte Nova, MG, as comemorações dos 27 anos da Guarda Mirim da cidade. O que mais despertou sua atenção e interesse foi a longevidade de um projeto que volta o olhar, de forma tão peculiar, para os jovens do município com foco na inserção deles no mercado de trabalho, sem deixar de lado o caráter educativo e disciplinador. A partir disso, surgiu o desejo de conhecer melhor essa instituição, quando a constatação do modo pelo qual o projeto é reconhecido e inserido no cotidiano da população fez aumentar ainda mais o interesse em conhecê-la.

Por ocasião da primeira visita ocorreu o contato com a secretária responsável pelo acompanhamento dos jovens, a qual se mostrou totalmente receptiva em relação ao estudo, ressaltando que ela própria é egressa do projeto e hoje aluna de um curso de graduação no município de Viçosa, MG, cidade vizinha a Ponte Nova. A partir daí, foi liberado o acesso a diversos relatórios e documentos da instituição para consulta.

Em seguida, o pesquisador realizou uma visita às dependências da instituição acompanhado pelo Sr. Sebastião Afonso Barbosa, fundador do projeto. Durante a conversa, ele relatou as dificuldades e conquistas desse trabalho social, expondo também os novos desafios que pretende enfrentar, como a preparação de uma sala que, inclusive, já estava toda equipada para estudos na área de Informática.

3.2 Coleta de dados: etapas e instrumento

Em primeiro lugar, foi realizada uma pesquisa documental, com o objetivo de entender a trajetória da instituição, principalmente por se tratar de um projeto que foi iniciado em 1990. Para Bravo (1991), a pesquisa documental abrange todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver.

Os dados empíricos foram obtidos, inicialmente, por meio de observações *in loco* a respeito do treinamento e rotina do adolescente no ambiente da Guarda Mirim. Em seguida, foram realizadas entrevistas em profundidade com 10 sujeitos, sendo cinco pertencentes ao grupo que hoje se encontra inserido na instituição trabalhando em alguma empresa da cidade e os outros cinco do grupo dos egressos da Guarda Mirim. A escolha da entrevista semiestruturada e em profundidade se deveu ao fato de permitir certos ajustes durante o próprio processo, além de oferecer a oportunidade de aprofundar em aspectos pessoais e de caráter subjetivo. Para Oliveira, Martins e Vasconcelos (2012), esse tipo de entrevista apresenta maior flexibilidade, pois pode ser alterada no momento de sua realização, diferentemente de uma entrevista totalmente estruturada.

A ideia inicial era fazer entrevistas somente com os atuais participantes da Guarda Mirim, mas nas primeiras entrevistas percebeu-se a necessidade de compreender o que ocorreu com os egressos para verificar se as expectativas dos adolescentes condizem com a realidade de quem já passou pela experiência na instituição.

A escolha dos sujeitos pertencentes ao grupo dos atuais Guardas Mirins deu-se a partir da presença do pesquisador em um dia de atividades na sede. O coordenador responsável pelo treinamento naquele dia apontou alguns alunos que estavam trabalhando em empresas e órgãos públicos da cidade. Foi feito, então, um contato inicial com esses jovens, durante o qual foram expostos os objetivos do estudo e, em seguida, solicitados a participarem da pesquisa, o que foi prontamente aceito.

Quanto ao grupo dos egressos do projeto, seus componentes foram indicados pelos próprios sujeitos do primeiro grupo, que foram apontando nomes de conhecidos que

passaram pelo projeto à medida que eram entrevistados. Nesse sentido, esse procedimento pode ser caracterizado como *snowball*, também chamado de *snowball sampling* (BIERNACKI; WALDORF, 1981). Essa técnica é conhecida no Brasil como “Amostragem em Bola de Neve”, ou “Bola de Neve” ou, ainda, “Cadeia de Informantes” (PENROD *et al.*, 2003). Trata-se de uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais, em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, apontam outros e, assim, sucessivamente até que seja alcançado o objetivo proposto (GOODMAN, 1961).

Os principais tópicos abordados nas entrevistas basearam-se em teorias sobre o tema, sendo tratados, sobretudo, aqueles aspectos relativos à vivência subjetiva dos sujeitos na Guarda Mirim. Durante as entrevistas com os jovens que hoje estão inseridos no projeto, foram abordados alguns aspectos: a motivação para a entrada na instituição, o contexto familiar e social do qual fazem parte, suas expectativas e, principalmente, o sentido do trabalho e o modo como vivenciavam a experiência do primeiro emprego (APÊNDICE A). Nas entrevistas realizadas com os sujeitos que já passaram pela Guarda Mirim foi abordado, com especial atenção, o tipo de impacto que a experiência na instituição teve sobre suas vidas, sobretudo em relação à vivência do primeiro emprego (APÊNDICE B).

Algumas entrevistas foram realizadas com os atuais guardas mirins na própria sede da instituição e outras nas suas residências, conforme a disponibilidade e escolha de cada sujeito, mas sempre respeitando a privacidade e o sigilo das informações. Já com os egressos as entrevistas foram previamente agendadas e ocorreram antes da realização das atividades laborais nas empresas onde atualmente trabalham ou durante as atividades, sendo todas gravadas e transcritas pelo pesquisador, com a anuência dos envolvidos.

O critério utilizado para encerrar as entrevistas foi aquele proposto por Duarte (2005), isto é, observou-se a capacidade dos sujeitos em fornecer informações confiáveis e relevantes sobre o tema da pesquisa. É possível, entrevistando pequeno número de pessoas adequadamente selecionadas, fazer um relato bastante consistente sobre um tema bem definido. Relevante, neste caso, é que as fontes sejam consideradas não apenas válidas, mas também suficientes para

responder à questão de pesquisa, o que torna normais, durante a pesquisa de campo, novas indicações de pessoas que possam contribuir com o trabalho e, portanto, ser acrescentadas à lista de entrevistados. Segundo Duarte (2005), é importante obter informações que possam dar visões e relatos diversificados sobre os mesmos fatos. A relevância da fonte está, portanto, relacionada com a contribuição que pode dar para atingir os objetivos de pesquisa.

3.3 A análise dos resultados

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, que consiste no agrupamento dos dados extraídos do material que foi colhido, durante as entrevistas, em grupos temáticos para, em seguida, identificar a relação entre eles. Dessa maneira, foram extraídos os aspectos principais concernentes à categoria analisada, observando-se o sentido e significado das mensagens verbais, gestuais, silenciosas, figurativas, documentais ou diretamente provocadas (FRANCO, 2008). As categorias foram extraídas da teoria e dos objetivos da pesquisa, enquanto as subcategorias emergiram dos dados coletados.

Bardin (2011, p. 38) define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de mensagens que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”. Dentro da perspectiva dessa autora, esta análise compreende três etapas, a pré-análise, que é a seleção do material e a definição dos procedimentos a serem seguidos; a exploração do material, que é a implementação desses procedimentos; e, por fim, o tratamento e interpretação dos dados, que se referem à geração de inferências e dos resultados da investigação. Nesse sentido, as conversas foram analisadas quanto aos seus conteúdos manifestos e latentes, levando-se sempre em consideração os lapsos de linguagem, as contradições e as ideias inacabadas, entre outros aspectos. Algumas falas foram citadas, literalmente, durante a exposição dos resultados, para melhor compreensão da temática em estudo e por ilustrarem as análises.

4 O CAMPO DA PESQUISA

Neste capítulo, descreve-se a entidade filantrópica pesquisada Guarda Mirim de Ponte Nova, MG, por meio de documentos fornecidos pela instituição e das informações do seu fundador.

4.1 Caracterização geral da entidade pesquisada

A Guarda Mirim de Ponte Nova foi criada em março de 1990 como entidade filantrópica sem fins lucrativos, após uma visita do seu fundador à Guarda Mirim da cidade de Caratinga, MG. À época, o senhor Sebastião Afonso Barbosa, ex-cabo do Exército brasileiro, estava empenhado em trazer a Guarda Mirim para Ponte Nova, quando procurou o senhor Edy Mello Castanheira, então presidente da Cooperativa Mista dos Plantadores de Cana de Minas Gerais (COPLAN), que prontamente disponibilizou um carro e um funcionário para acompanhá-lo até Caratinga. Lá foram recebidos pelo SD PM Sebastião Fausto da Silva, então comandante da entidade, que forneceu todas as orientações e documentações necessárias para a fundação e formação de uma Guarda Mirim.

O começo foi extremamente difícil pelo lado financeiro, porém foi possível contar com algumas parcerias. Uma delas resultou na doação de um terreno localizado na Vila Alvarenga, por meio da Lei nº 1.807, de 12 de novembro de 1992, sendo o prefeito municipal, à época, Antônio Bartholomeu Barbosa e o secretário Municipal de Governo Afonso Mauro Pinho Ribeiro, que autorizaram a doação para a instalação da Guarda Mirim na cidade de Ponte Nova, com a aprovação da Câmara de Vereadores.

Os recursos para a construção da sede da instituição foram obtidos da Prefeitura Municipal, mais uma vez por intermédio do senhor Antônio Bartholomeu Barbosa; de empresários da região; e do Sindicato dos Bancários, por meio do seu presidente, o senhor José Carlos Barbosa Silva, que doou toda a ferragem. Em junho de 1994, por indicação do deputado estadual Geraldo Rezende, mediante convênio firmado entre a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais e a Guarda Mirim de

Ponte Nova, foi obtido o recurso para o término das obras da sede, incluindo instalações elétricas e hidráulicas. Em 16 de agosto de 1994, mais uma verba foi liberada pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais, por indicação do deputado estadual Ronaldo Vasconcellos, para a finalização da obra.

No entanto, antes mesmo de finalizar a construção da sede, já em 14 de outubro de 1990, a Guarda Mirim formou sua primeira turma de 74 adolescentes, na faixa etária entre 11 e 16 anos, e iniciou parcerias com empresas e entidades diversas, levando os jovens a terem oportunidades de desenvolvimento profissional em escritórios, bancos, repartições públicas, lojas, oficinas e indústrias. Nessa época, não se exigia uma idade mínima para ingressar na entidade, e várias crianças o fizeram com 10 anos de idade. Após um período de treinamento em ordem unida, firmava-se um convênio entre a Guarda Mirim e as empresas, e os adolescentes eram encaminhados para o mercado de trabalho, sem nenhuma garantia trabalhista.

Em 17/01/2000, a Guarda Mirim de Ponte Nova foi declarada de Utilidade Pública Federal como reconhecimento ao trabalho desenvolvido. Nessa época, reconhecendo as exigências modernas do mercado de trabalho e as transformações ocorridas na sociedade, foi realizada a reestruturação da filosofia de trabalho e das metas sociais, com estrutura administrativa, adoção de um modelo educacional e de profissionalização e desenvolvimento de um Projeto Pedagógico Educacional, com as seguintes finalidades: sucesso escolar e iniciação à profissionalização do adolescente no primeiro emprego. De lá para cá, procurou-se adequar ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Lei nº 10.097/00 – do Menor Aprendiz, garantindo aos adolescentes os benefícios trabalhistas, por meio do registro em Carteira de Trabalho. O Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) conferiu à instituição o certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social, sendo o título publicado no Diário Oficial da União de 07/12/2000 e entregue apenas às entidades que atendem os requisitos exigidos por lei.

Após muita luta, em julho de 2002 a entidade conquistou a isenção da cota patronal, o que lhe possibilitou, assim, assegurar aos adolescentes os direitos trabalhistas garantidos pela Constituição Federal.

Em 28 de junho de 2015, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome publicou no Diário Oficial da União a Portaria nº 82, em seu Art. 1º, com o deferimento da Renovação de Certificação de Entidade Beneficente de Assistência Social da Guarda Mirim, Processo n.º 71000.078308/2014-12, 41156, de 27/02/2015 a 26/02/2020, por atender aos requisitos legais constantes na Lei nº 12.101/2009, demonstrando a seriedade e confiabilidade dos trabalhos desenvolvidos pela entidade. Em 2017, foram atendidos aproximadamente 150 adolescentes.

Sobre seus objetivos, a Guarda Mirim de Ponte Nova define-se como entidade de assistência social a adolescentes que possui como finalidade o desenvolvimento da personalidade das crianças e adolescentes e adequada inserção no meio familiar e social, por meio de preparos físico, intelectual, moral e espiritual, respeitando-se às suas tendências vocacionais. Além disso, propõe a participação em campanhas educativas e a prestação de serviços a instituições públicas e particulares, de acordo com as prescrições e critérios das leis.

A instituição possui como objetivo atender os adolescentes em todas as suas necessidades, por meio de atividades específicas, conscientizando e incorporando atitudes progressivamente mais construtivas e positivas e, conseqüentemente, construindo um projeto de vida e contribuindo para o aumento da renda familiar. Busca evitar, assim, o trabalho informal, oportunizando infraestrutura voltada para o jovem, como alimentação, seguro de vida, esporte e cultura, e assegurando-lhe também a formação escolar, a capacitação e a inserção no mercado de trabalho. Como principal meta, procura estabelecer parcerias com empresas, órgãos públicos e outras organizações formadoras, garantindo, assim, os princípios, valores e diretrizes da Guarda Mirim e do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A entidade funciona no município de Ponte Nova, com quase 60 mil habitantes, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais (IBGE 2016). Atende de segunda a sexta-feira, das 8 às 17 horas, sendo suas atividades ministradas no período da manhã e da tarde, de modo a não prejudicar os horários escolares e não contrariar a legislação do adolescente.

Em média, a duração do curso básico de Guarda Mirim é de oito meses, ou período necessário para que todos estejam plenamente preparados. Os adolescentes de 14 a 18 anos de idade chegam ao serviço da Guarda Mirim por meio de demanda espontânea, mediante a feitura de um cadastro na instituição. Podem também ser encaminhados pela Secretaria Municipal de Assistência Social como Conselho Tutelar ou pela Rede de Serviços das demais políticas públicas como Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Para o desenvolvimento do projeto, a entidade participa e interage com diversos segmentos da sociedade civil organizada, conselhos e fóruns de defesa e garantia de direitos de crianças e adolescentes. Ela se irradia para a rede de atendimento e para a comunidade, interagindo com as políticas públicas definidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, por meio de parcerias individuais e institucionais, como o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e Conselho Tutelar.

Sobre projetos futuros, é necessário ainda promover uma articulação com o Poder Público Municipal, por meio das Secretarias Municipais de Esporte, de Assistência Social, de Educação, de Saúde, entre outras, o que potencializará a qualidade e o alcance das ações a serem desenvolvidas.

A instituição conta com uma Diretoria voluntária com os seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro, 1º Diretor de Patrimônio, 2º Diretor de Patrimônio e Conselho Fiscal. Possui ainda um quadro de seis voluntários, ex-guardas mirins, que com dedicação e comprometimento transformam a vida dos assistidos.

4.2 Sobre as atividades desenvolvidas

É papel da Guarda Mirim de Ponte Nova trabalhar para minimizar desigualdades sociais, buscando o equilíbrio nas condições do adolescente, de modo a propiciar o seu acesso integral ao projeto e diminuir a evasão por situação de vulnerabilidades econômica e social.

Após ingressarem no programa, os adolescentes passam, em primeiro lugar, por uma formação geral de guarda mirim, durante a qual cumprem horas realizando atividades militares, como a marcha, o treino para bater e o treinamento físico. São criados espaços, de acordo com a instituição, para o exercício da disciplina e da cidadania, em que esses jovens são instigados a exercerem os seus papéis enquanto cidadãos com atividades que promovam a elevação da consciência política, a participação ativa e a formação de lideranças juvenis. A FIG. 1 retrata a formatura dos jovens em 2017.

Figura 1 – Formatura.



Fonte: GMPN, 2017, p. 27.

As famílias dos adolescentes fazem parte da rede de proteção, sendo considerados focos de fortalecimento do desenvolvimento integral e ponto inicial da interação do jovem. Dessa forma, realizam-se reuniões e encontros com os pais e responsáveis, para buscar a aproximação dos familiares, permitindo conhecê-los da maneira mais completa possível.

Visando preservar o direito à alimentação, a instituição oferece de segunda a sexta-feira uma média de 30 refeições (almoço) por dia. Ademais, de acordo com o seu Estatuto, Artigo 4º – Os integrantes da GMPN são orientados sobre temas diversos,

como: a) Educação Física; b) Educação Moral e Cívica; c) Noções de Socorros de Urgência e Higiene; d) Noções de Música e Canto; e) Ordem Unida; f) Noções Gerais de Direito; g) Noções Gerais de Legislação do Trânsito; h) Noções de Ecologia e Preservação do Meio Ambiente; e i) Orientação Vocacional. As matérias voltam-se para um conceito geral de cidadania, abordadas de forma teórica e prática; as ações de aperfeiçoamento concentram-se nas habilidades e conhecimentos aplicados; e os métodos de ensino deverão privilegiar a participação ativa e a interação dos participantes entre si e com os professores. Utilizam estratégias para promover aprendizagem ativa e responsável, por meio de trabalhos, ciclo de palestras, discussões e dinâmicas de grupo que visam formar o cidadão com conteúdos de formação humana e científica.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos na Guarda Mirim de Ponte Nova-MG, com os jovens que estão vivendo essa experiência e com sujeitos que já passaram pela instituição, considerando as vivências e aprendizados relacionados ao trabalho na adolescência.

5.1 Perfil sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa

Os entrevistados foram caracterizados com a letra E, seguida de um número correspondente à ordem em que as entrevistas foram realizadas. Os guardas mirins que atualmente se encontram na instituição são denominados Grupo 1 e os egressos, Grupo 2.

Inicialmente, apresenta-se o Quadro 2 com o perfil dos jovens entrevistados e, posteriormente, o Quadro 3 com os ex-guardas mirins, isto é, com aqueles que viveram essa experiência no passado, de modo a oferecer uma visão geral dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 2 – Perfil dos jovens entrevistados da Guarda Mirim

Entrevistado	Gênero	Idade	Organização	Entrada na Guarda Mirim
E1	F	17	Prefeitura Municipal de Ponte Nova – Setor de cadastro imobiliário	2016 (aos 15 anos de idade)
E2	M	16	Pátio da Prefeitura Municipal de Ponte Nova-MG	2018 (aos 16 anos de idade)
E3	M	16	Câmara Municipal de Ponte Nova-MG	2013 (aos 13 anos de idade)
E4	F	17	Tecnolaje	2016 (aos 15 anos de idade)
E5	F	17	Delegacia de Polícia Civil de Ponte Nova-MG	2016 (aos 15 anos de idade)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

No que tange ao perfil dos sujeitos, o Quadro 2 evidencia que a maioria dos adolescentes entrevistados e que pertencem ao quadro atual é do gênero feminino, com idade entre 16 e 17 anos, sendo uma das exigências da Guarda Mirim que o adolescente participe apenas no período anterior aos 18 anos de idade.

Quanto à atividade exercida por esses adolescentes nas organizações conveniadas, todos desenvolveram a função de Auxiliar de Serviços Gerais, com registro na Carteira Profissional, porém as atividades são diversificadas de acordo com o local de trabalho, conforme descrito a seguir:

E1 – Trabalha na Prefeitura Municipal de Ponte Nova, no setor de Cadastro Imobiliário. As atividades que executa são: entrega de documentos em diversos setores; atendimento de ligações telefônicas; arquivamento de documentos; realização de cópias de documentos; e, eventualmente, atendimento ao público-alvo.

E2 – Trabalha na Prefeitura Municipal de Ponte Nova, no pátio de veículos, máquinas e equipamentos. As atividades que executa são: entrega de documentos em diversos setores; atendimento de ligações telefônicas; e ajuda no controle de entrada e saída de veículos e máquinas.

E3 – Trabalha na Câmara Municipal de Ponte Nova. Suas atividades consistem em: entrega de documentos em diversos setores; atendimento de ligações telefônicas; arquivamento de documentos; realização de cópias de documentos; e ajuda na preparação das sessões da Câmara Municipal.

E4 – Trabalha na Tecnolaje, empresa de engenharia. Suas atividades diárias são: atendimento telefônico; preparação de planilhas; realização de orçamento de materiais; e ajuda no controle de estoque de uniformes e equipamentos de segurança.

E5 – Trabalha na Delegacia da Polícia Civil. As suas atividades consistem em: entrega de documentação em outros setores; encaminhamento do público aos locais de atendimento; e entrega de documentação ao público.

Quadro 3– Perfil dos egressos da Guarda Mirim

Entrevistado	Gênero	Idade	Formação acadêmica	Função atual	Período de permanência na Guarda Mirim
E6	F	34	Enfermagem	Enfermeira	De 2001 a 2003. (dos 15 aos 17 anos de idade)
E7	M	38	Geógrafo e Mestre em Patrimônio Cultural	Auxiliar-Administrativo na UFV	De 1991 a 1997 (dos 11 aos 17 anos de idade)
E8	M	32	Ensino Médio completo	Analista de Recursos Humanos	De 2000-2003 (dos 14 aos 17 anos de idade)
E9	M	39	Direito	Assessor Parlamentar na CMPN	1993-2000) (dos 12 aos 17 anos de idade)
E10	M	42	Direito	Assistente-Administrativo na UFV	1990-1993 (dos 14 aos 17 anos de idade)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

E6 – Trabalhou numa papelaria, no setor de vendas. As atividades que exerceu foram de atendimento ao cliente no balcão.

E7 e E8 – Trabalharam na Bartofil, distribuidora do setor atacadista. As atividades que executaram foram de *office-boy* interno.

E9 – Trabalhou na Prefeitura Municipal de Ponte Nova, no Gabinete do Prefeito. As atividades consistiam em entregar documentos em diversos setores; atendimento a ligações telefônicas; e atendimento ao público.

E10 – Trabalhou no Cartório de Imóveis de Ponte Nova. As atividades, no início, eram bem simples, como fazer café, tirar poeira dos móveis, entregar documentos, ir ao banco fazer pagamentos. Após concluir o curso de Datilografia, começou a desenvolver as atividades do Cartório, elaborando documentos e realizando registros.

Em relação aos egressos, a sua maioria é do gênero masculino e com a idade variando de 32 a 42 anos. Ressalta-se que, dos cinco egressos, somente um não alcançou o nível superior.

5.2 Motivação para a entrada na Guarda Mirim

Neste tópico, apresentam-se a trajetória dos sujeitos anterior à entrada na Guarda Mirim e o que os motivou a entrar para a Guarda Mirim.

5.2.1 Trajetória anterior à entrada na Guarda Mirim

Ao serem solicitados a falar sobre suas experiências anteriores à entrada na Guarda Mirim, os adolescentes referiram-se, invariavelmente, à sua difícil realidade financeira e, portanto, à necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família:

Precisava do emprego para ajudar nas despesas da casa. (E2)

Os meus pais trabalhavam e ganhavam um salário mínimo, né? Acho que minha mãe nem ganhava um salário mínimo e...não, não ganhava, e...então era mais no intuito de eu ter uma renda pra poder ter minhas coisas, tipo assim, era menos um gasto, que eu ganharia pra gastar com coisa que eu precisasse, de escola. Era mais um complemento de renda mesmo, pra dar uma “folgada”, né? (E7)

Eu, na verdade, sou de família humilde, cresci ali na área de colônia de usina (zona rural de Ponte Nova). Minha família... são de 11 irmãos e eu cresci nesse ambiente mesmo, aquela educação mais de roça mesmo, obrigações corriqueiras dentro de casa, cuidado no quintal, plantação de milho, feijão, auxiliando minha mãe fazendo as coisas dentro de casa...Meus pais são de origem humilde, classe média baixa, sacrifício mesmo, todos os dois trabalhavam, os meus irmãos mais velhos também. Meu irmão mais velho, por exemplo, nem pôde seguir nos estudos, porque teve que parar. Tinha que trabalhar para ajudar meu pai criar a gente. Na época, a gente no Pião (nome dado à região que nasceu), a própria usina mantinha uma turma de adolescentes que chamava “turma de merenda” que era justamente para pegar os filhos dos empregados para trabalhar meio período, fazendo uns trabalhos mais leves de roça, para auxiliar na catação de cana, coleta daqueles resíduos lá no canavial que ficavam para trás e as crianças que vinham recolher. Eu não trabalhei. Quando chegou a minha idade de entrar, aí eu fui para guarda mirim. Foi como outra alternativa, eu já estudava na cidade, tinha acabado de fazer a quinta série. Eu já vim para a Guarda Mirim quando eu cheguei aqui (na cidade) por opção ao invés do serviço de roça. (E9)

Meus pais já eram separados, e aí voltamos para casa da minha avó, fomos morar na casa da minha avó e para ajudar minha mãe na manutenção, para ter uma renda, tinha que trabalhar e não tinha perspectiva de emprego. Não com 14 anos de idade. Não é muito fácil, sem experiência nenhuma no mercado de trabalho e aí surgiu a guarda mirim que deu essa oportunidade para quem precisava, né? Tinha necessidade de trabalhar, precisava de estudar. Ao mesmo tempo, tinha oportunidade de trabalhar meio período. (E10)

Os relatos colocam em evidência os problemas de ordem econômica que, geralmente, antecederam a decisão de se inserir na Guarda Mirim, e alguns problemas familiares parecem ter contribuído para isso, como o falecimento de um dos pais, o divórcio dos pais, a necessidade de ir morar com os avós.

5.2.2 Motivação para a participação na Guarda Mirim

Percebe-se, em geral, que a motivação inicial para a participação na Guarda Mirim é a possibilidade de obter o primeiro emprego. Todos os adolescentes se referiram à necessidade de ajudar no sustento da família e, portanto, à percepção da instituição como um espaço que poderia lhes proporcionar a possibilidade de um trabalho remunerado. Além disso, surgiram outras motivações, como a disciplina e a conduta impostas pela carreira militar, o uso da farda, o fato de ter uma ocupação e o alcance de uma independência financeira, conforme relatos a seguir:

O que motivou entrar é o planejamento que eles fazem aqui, a conduta que eles ensinam a gente, como é que a gente deve ficar conversando com a pessoa. (E1)

Eu entrei na guarda mirim à procura de um emprego. (E2)

Eu interessei a participar da guarda mirim porque eu achava muito legal. Ah... é porque eu já vi muitos desfiles deles já... na rua assim... Aí me motivou a entrar... Quando eu falei que queria entrar a minha família me deu apoio. Me deram apoio para aquilo que estava escolhendo. (E5)

Eu, particularmente, não tinha nenhum motivo, mas eu acho que minha mãe pensou mais no intuito de eu fazer alguma coisa. Estudava no período da tarde, aí eu passava a manhã inteira em casa, então, foi uma atividade a mais e também a questão do trabalho remunerado, né? Eu acho que foi mais uma ideia de poder ter um primeiro emprego, uma atividade remunerada mesmo. A motivação para a entrada, a perspectiva era basicamente essa mesma, então, uma renda mesmo, ter uma renda. (E7)

Então, na verdade o principal motivo de todos os jovens entrar para guarda mirim é o emprego, emprego... ocupar o tempo... disciplina... Então, assim meus pais também sempre quiseram que eu tivesse uma ocupação, que não tivesse tempo ocioso como se diz: "mente vazia oficina do diabo" e os jovens hoje em dia estão muito vulneráveis. Então, se não tiver uma ocupação, nem que seja uma parte tanto do trabalho como do lazer, ele pode sim ser refém nesse "mundão de hoje em dia", né? Então, foi isso... juntou o útil ao agradável, que é o que é ocupação do meu tempo e lá também tinha estudo... e tudo mais. E também a parte do emprego que já te encaminha para o mercado de trabalho. Também a sua idade ajuda bem porque... eu entrei para guarda mirim eu tinha 15 anos... então, se eu fosse

trabalhar com meu pai eu poderia prejudicá-lo por alguma denúncia que fosse... E foi isso por esses dois motivos para ocupar o tempo... aprender, trabalhar e enfim ajudar a mim e a minha família. (E8)

A minha primeira motivação foi a ideia de primeiro emprego mesmo, ter uma atividade que fosse remunerada. Para mim, veio a ideia de ser independente. Ter minha própria renda, para mim, era primordial, a concepção de ajudar em casa, meus irmãos mais velhos sempre trabalharam na roça, por exemplo, para mim era necessidade. E chegava na sexta-feira... no sábado... eu lavava o sapato deles para ganhar um “troquinho” de onde eu tirava para pagar meu sorvete, um picolé... Então, eu tinha muita necessidade de querer ser independente financeiramente. Eu fui muito educado para isso. Então, por exemplo, lá em casa dos 11 irmãos, são oito homens e três mulheres, todos sabem cozinhar, passar uma roupa, minha mãe nunca quis que a gente dependesse de ninguém para nada. Assim, ajudava em casa, minha mãe que administrava o dinheiro da família, Para mim, era uma satisfação de poder passar a contribuir também. (E9)

Então, a minha entrada na guarda mirim foi motivada pela necessidade de trabalhar e ajudar em casa. Eu sou da primeira turma da guarda mirim. Então, foi uma coisa nova, ainda não tinha guarda mirim em Ponte Nova. Foi quando surgiu o momento inscrição. Eu lembro que meu tio falou assim: “ah, vou fazer sua inscrição para você lá na guarda mirim”. Foi a primeira turma a gente não tinha noção do que seria, não tinha referência nenhuma. (E10)

Esses extratos mostram que a maior motivação para entrar para a Guarda Mirim parece ser mesmo a possibilidade de ter acesso ao primeiro emprego, isto é, a busca de uma remuneração para ajudar em casa e de uma oportunidade de trabalho. Como a cidade é de pequeno porte, os adolescentes começaram a tomar conhecimento das oportunidades oferecidas pela instituição por intermédio daqueles que já haviam participado, sendo comum que membros da mesma família decidam se inserir na entidade, como mostrado nas entrevistas que se seguem:

Minha irmã, ela já foi guarda mirim também, ela sempre me apoiou a participar e gosto de praticar esporte assim, que é mais ligado à guarda mirim. (E3)

Então, o que mais me motivou foi meu irmão ter entrado lá. Ele entrou e tipo assim, ele não tinha serviço ainda, ele tava com 15 anos na época e ele entrou e teve oportunidade de fazer SENAI. Ele fez o curso técnico em edificações e lá ele teve mais outras oportunidades e ele “caiu dentro” de um escritório de engenharia na área que ele também queria. Então, me motivou, porque eu sempre achei bacana lá, pelas regras, lá é bem rigoroso, então assim, só com meu irmão ter entrado e eu ter visto o tanto que ele evoluiu depois de ter entrado lá isso me motivou demais. (E4)

Quando eu quis entrar na guarda mirim, o principal motivo foi para conseguir emprego, né? Eu já tinha primos que eram guardas mirins, que já trabalhavam. E aí a gente queria conseguir emprego, era uma forma de

conseguir emprego. E outro motivo também que todos os colegas da minha turma foram para guarda mirim, um foi atrás do outro. (E6)

Esses resultados vão ao encontro dos estudos de Sarriera *et al.* (2001) quando constataram igualmente que, para jovens trabalhadores de classes populares, a inserção laboral representa a possibilidade de transformação de sua realidade social para uma melhor perspectiva.

5.3 Expectativa e percepção sobre a Guarda Mirim

A partir do que foi dito, pode-se perceber que, antes da entrada na Guarda Mirim, havia a expectativa favorável do adolescente sobre o que iria encontrar na instituição. Para tanto, foi solicitado aos sujeitos que falassem sobre o que esperavam na ocasião do seu ingresso e o que, de fato, encontraram:

Encontrei muitas pessoas boas, igual Sebastião (Coordenador da Guarda Mirim), assim, que ajuda as pessoas. Foi ele que me deu um lugar para eu trabalhar. Eu também encontrei outras coisas como marchar na rua, usar farda. Aliás, eu quero até ser polícia no futuro. (E1)

O que eu procurava eu encontrei, o meu emprego. (E2)

Quando cheguei aqui, eu pensava que participando da guarda mirim que já ia direto pro exército, depois eu fui entendendo que é o mesmo procedimento, é... assim quando eu terminar a guarda mirim aí eu mesmo vou ter que fazer a inscrição, para seguir a carreira militar. Quando entrei não estava pensando em trabalho, pois era muito novo, não tinha muita essa ideia de trabalho não. Era mais é... o que eu gosto mesmo é ser guarda mirim. (E3)

Na Guarda Mirim, eu esperava encontrar, talvez, um pouco mais de rigidez pelo que ouvia falar, pelo que eu imaginava, mas não é tanto assim, sabe, e querendo ou não depois que a gente entra é que a gente vê o que é a realidade lá e que não é tanta coisa assim. Acho que tudo é um bom incentivo para a gente, que é para o crescimento da gente mesmo. É coisa assim que não é uma regra impossível de ser seguida, é coisa assim bem tranquila. Eu achava que seria pior, eu achava que eu não ia ficar lá, entendeu? Lá é assim ... super tranquilo. É regime militar, agora, mas não é aquela coisa impossível. Quando tem força de vontade, fica. (E4)

Observa-se, a partir dessas falas, que o caráter militar da instituição representa um atrativo para alguns adolescentes, além dos seus pilares, que são a educação, o trabalho e a cidadania. Melhor explicando, alguns alunos já ingressam pensando na

carreira militar no futuro, e a disciplina, o uso da farda, os desfiles representam o começo da concretização desse projeto.

Entretanto, se forem considerados os depoimentos de alguns egressos da instituição, veremos que nem sempre essas expectativas iniciais se realizaram, pois observamos algumas vivências negativas, sobretudo relativas à rigidez das regras. Apesar disso, quase todos consideram positiva essa experiência, percebendo-a até mesmo como continuidade da educação familiar, inclusive no sentido de ter ajudado na formação do seu caráter, conforme depoimentos que se seguem:

Eu imaginava que seria um local que a gente teria algumas responsabilidades, né, mas que seria um local divertido também. Quando eu fui para Guarda Mirim eu saí de uma internação hospitalar, no domingo, e na segunda-feira comecei na Guarda Mirim. Eu encontrei lá foi muita rigidez, pouca flexibilidade, muita mesmo. Então, tive um problema renal, tava internado com problema renal, queria beber água durante um treinamento na quadra, um sol quente e eu não podia sair. Aí, foi um dos motivos pelo qual eu não consegui concluir, porque um pouquinho antes da formatura passei mal novamente, tive que abandonar. Mas era muita rigidez cobrava... cobrava... muita disciplina, e eu achei que não seria tão pesado como foi o teste físico, muito pesado. (E6)

Eu conhecia a Guarda Mirim por causa dos meninos que trabalhavam na rua, então a gente via eles uniformizados e aquilo chamava atenção, mas a expectativa que eu tinha realmente era de ter um emprego, um trabalho remunerado. E quando eu cheguei lá, a gente tinha um processo de formação que era bem parecido com a polícia militar, inclusive quem comandava as turmas eram PM. Então, a gente teve um treinamento militar, a gente tinha algumas aulas teóricas de ensino religioso, tinha uma boa complementação, mas as aulas que a gente tinha mesmo era de formação como tiro de guerra, como marchar, fazer continência. E a guarda mirim tinha um pouco desse sentido também, é como se fosse uma guarda municipal mirim. A perspectiva era um pouco essa, o objetivo era esse de oferecer oportunidade de trabalho pros jovens e dar oportunidade para os meninos trabalharem ao invés de estar na rua, e essa questão da disciplina militar estava associado também a essa lógica. Então, é um processo que juntavam o trabalho com a disciplina militar. Mas quando eu cheguei lá, eu não tinha muito essa percepção, assim, de treinamento militar não. Eu já fui mesmo na perspectiva de conseguir um trabalho. (E7)

A minha participação na Guarda Mirim significou disciplina... porque é como se fosse um colégio militar, desde postura tanto na rua quanto na empresa; então é disciplina... educação é um complemento da educação que você tem em casa; na escola estende até guarda mirim... então forma cidadão, te faz ser uma pessoa mais comprometida, porque é... um acompanhamento, você foi para escola disciplina educação, foi para casa educação, foi para guarda mirim educação, então é um ciclo. (E8)

Na verdade eu não tinha muita expectativa específica quando entrei na Guarda Mirim. Eu tinha ideia do papel dela, eu pensava no primeiro

emprego, tudo com a vantagem de ser o primeiro emprego urbano, não que eu tivesse nada contra a “roça”, mas eu queria um trabalho que permitisse que eu continuasse a estudar, desenvolver, buscar uma carreira, independência, mesmo. Um destaque mesmo do que eu encontrei foi a ideia da disciplina, foi um choque mesmo, eu fui da terceira turma da guarda mirim, então teve uma presença muito na educação, muito do regime militar, e eu achei bacana fazer a gente compreender essa relação de identidade de corporativismo mesmo. Talvez hoje como adulto olhar com mais facilidade a concepção de Polícia Militar, Forças Armadas de modo geral, como são essas organizações, nós ouvíamos muito lá, nas nossas instruções, que nós tínhamos que aprender a ideia de espírito de “corpo” e não de “porco”, então, por exemplo, se alguém recebesse alguma punição o grupo inteiro iria pagar por aquilo. (E9)

Antes de entrar eu não fazia a mínima noção do que seria, era uma coisa nova em Ponte Nova, foi a primeira turma, né, então a gente não tinha noção do que seria. O meu objetivo na época era de entrar e trabalhar, só que entrando foi que eu pude perceber que não era só o trabalho que eles iriam fornecer para gente, eles iriam fornecer educação, até mesmo a formação do caráter; a gente teve aula de ética, civilidade, convivência, legislação, então, não foi só o trabalho, a Guarda Mirim me forneceu a formação do meu caráter, da nossa personalidade... muito do que eu sou hoje eu devo à Guarda Mirim. Eu tenho muita consideração e respeito, agradeço muito a Guarda Mirim pela formação do meu caráter, minha personalidade, meu jeito de ser hoje, de enxergar as coisas da vida graças à Guarda Mirim. (E10)

Considerando as diferenças nos depoimentos dos atuais e dos egressos, no que concerne à rigidez da instituição, vale ressaltar que, em 2000, houve uma reestruturação na Guarda Mirim de Ponte Nova. Nessa época, reconhecendo as exigências modernas do mercado de trabalho e as transformações ocorridas na sociedade, foi feita a reestruturação da sua filosofia de trabalho e das metas sociais com estrutura administrativa, mediante a adoção de um modelo educacional e de profissionalização e o desenvolvimento de um Projeto Pedagógico Educacional, com a finalidade de sucesso escolar e iniciação à profissionalização do adolescente no primeiro emprego. Foi efetuada também uma adequação ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Lei do Menor Aprendiz, garantindo aos adolescentes os benefícios trabalhistas, por meio do registro na Carteira de Trabalho, e a partir de 2002 os direitos trabalhistas passam a ser garantidos pela Constituição Federal.

5.4 Reflexos nos contextos familiar e social

A participação dos adolescentes na Guarda Mirim acabou refletindo tanto no contexto familiar quanto no social. Apesar de alguns no primeiro momento falarem

que não houve alteração, eles comentam os benefícios que a remuneração trouxe para o cerne familiar e social:

Não alterou nada não, continua a mesma coisa. Eu avalio que os meus colegas não tiveram a mesma oportunidade que eu tive, porque aqui tem que entrar com a idade certa. Quanto ao meu salário, eu ajudo minha mãe. (E1)

A minha relação dentro de casa, eu fico menos tempo do que a gente ficava, mas agora eu posso ajudar meu pai a pagar conta, eu trago comida dentro de casa. Em relação aos colegas, modificou nada não, continuou sempre a mesma amizade. (E3)

Em relação à família, eu acho que não influenciou assim, convivemos da mesma maneira, não tinha nada assim que a Guarda Mirim pudesse influenciar ou modificar... O que mais causou foi eles cobrarem responsabilidades de tá sempre vindo, de não faltar, de disciplina. Quanto aos colegas... Ah, uma diferença muito grande, mesmo quem já desistiram, porque eles já encaminharam a gente para o primeiro emprego e tem uns que não aguentaram e ainda hoje estão sem emprego. Porque hoje o emprego tá difícil, né? (E5)

Não teve muita alteração dentro da minha família, porque meu vínculo familiar sempre foi muito forte, de muito respeito dentro de casa, por ser criada com um avô muito rígido a gente teve essa postura de muita união, muito respeito, então não teve não, mas com relação aos colegas sim, tinha mais respeito com os colegas sim e com a família deles também, porque eram meninos que ficavam muito tempo sozinhos... a maioria dos meus amigos tinha uma condição mais baixa que a minha e suas famílias era pouco estruturada e sempre percebi que eles (guarda mirim) cobravam também uma postura da família até mais presença da família; então em relação aos familiares de meus amigos eu percebi que teve uma mudança na família, com certeza. (E6)

Assim, para ser sincero não mudou muito dentro de casa, na minha eu já tinha uma rotina tanto de estudo quanto de comportamento, eu não fui para a Guarda Mirim para me adequar. Eu não fui para Guarda Mirim para ser disciplinado como alguns dos meninos que estavam lá na minha turma; eu vi que a lógica era essa e não era o meu caso. É, no meu caso, acho que era uma questão financeira mesmo, o primeiro emprego, foi o momento que eu tive contato com um trabalho remunerado. (E7)

Acredito que tudo foi aprendido, conviver com pessoas que são diferentes da minha cultura talvez, aprender a lidar com tudo isso. As orientações que eles te dão antes de você ir para empresa é muito válido, porque eles já tem o conhecimento da turma que entra e sai; então assim mudou e me ajudou bastante. (E8)

Talvez tenha me permitido no ambiente familiar que a ideia da hierarquia, embora modesta a parte, posso dizer que eu nunca fui um filho rebelde e nenhum dos meus irmãos também não, mas a minha concepção para obediência a meu pai e minha mãe ficou diferente, sabe, a forma de reagir. Às vezes, eu acho até normal do ser humano a insatisfação de uma situação ou outra, a própria irritabilidade momentânea, mas na concepção

de imaginar, de respeitar uma ordem de ambiente você começa a aceitar melhor determinadas coisas, para mim colaborou muito. Em relação ao meu grupo de amigos mais próximos, que praticamente continua sendo os mesmos amigos de hoje, acabou fortalecendo mais, e me afastou daqueles grupos que era o grupo da bagunça. Acabei me afastando desse grupo aí, o histórico depois dessas pessoas, aqueles que não se perderam pelo caminho, acabaram também não se desenvolveram na situação profissional. (E9)

Observa-se, pelos relatos, que a entrada na Guarda Mirim alterou vários comportamentos, no sentido de adquirir responsabilidade, disciplina, maior respeito à autoridade dos pais e aprender a ouvir, a conviver com as diferenças, entre outros. Um fato mencionado por E5 foi a desistência de um aluno da Guarda Mirim e que está ainda desempregado, o que evidencia a importância da oportunidade oferecida pela instituição e que não pode ser desconsiderada.

Tudo indica que a orientação que a Guarda Mirim proporciona aos adolescentes mostra-se muito importante para a formação do jovem e o ajuda a fazer escolhas mais adequadas, como relatadas a seguir:

A minha participação..., acho que está me levando para o caminho certo, os jovens da minha idade estão "tudo perdido". Uns estão no mundo errado, alguns não, a maioria na verdade está no mundo errado. Modificou dentro de casa também, porque agora tenho mais responsabilidade. (E2)

No contexto social, a questão da disciplina te ensina o que é certo ou errado, o que você pode ou não fazer, porque a idade que a gente fica na Guarda Mirim até os 17 anos e 11 meses, sua cabeça está aquela bagunça né, então você pode se perder nisso aí, e a Guarda Mirim ajuda muito nesse aspecto também. (E8)

Embora seja uma instituição exigente, do ponto de vista da disciplina, que deve ser obedecida, mesmo quando o adolescente se encontra no espaço externo, houve quem considerasse essa exigência como algo positivo, já que impõe maior convívio com a família e ensina a ouvir e respeitar o outro, o que tem reflexos positivos na vida social:

No contexto familiar modificou, as regras lá não é difícil de ser seguida, mas é bacana você entrar, você ser motivado pelo pessoal de lá; é uma coisa assim, por exemplo, se te encontrarem depois das 22 horas na rua você leva advertência e com três advertências você é mandado embora; então acho assim, querendo ou não, é um incentivo maior para você estar mais junto com a sua família do que você tá na rua. No contexto social mudou também, a gente aprende a conviver mais com as pessoas, tanto com quem

trabalha, tanto com quem frequenta a empresa. A gente aprende a ter mais paciência, aprende a ouvir mais. Você tá no serviço, por mais que você escuta abuso, a gente tem que aguentar, não é simplesmente assim: “eu não levo desaforo para casa”, você aprende que está no ambiente social, que não está num contexto onde você faz o que quer, é bem assim interessante, que a gente aprende a envolver mais com as pessoas de forma mais agradável. (E4)

A importância de ajudar em casa no sustento da família, de comprar bens com o resultado do trabalho foi ressaltada como motivo de orgulho:

Minha relação em casa modificou muito, porque até então eu não tinha renda nenhuma e também não tinha perspectiva de trabalho nenhum; com 14 anos de idade, nunca tinha trabalhado. Então, o fato de ter entrado para Guarda Mirim mudou, podia então ajudar em casa. Eu lembro que na época foi uma mudança considerável, a gente pode adquirir coisas para dentro de casa, ter um conforto um pouco melhor; eu lembro, é até engraçado dizer... a primeira parabólica que eu comprei foi com dinheiro da Guarda Mirim; começou a trazer uma melhoria não só para mim, mas como para toda minha família; coisas que a gente tinha vontade de comprar e na Guarda Mirim, uma criança ou adolescente de 14 anos de idade, comprar muita coisa, um tênis novo, roupa nova, poder ajudar em casa proporcionou tudo isso aí... para a gente mudou muito, melhorou bastante. (E10)

Nessa ótica, a possibilidade de inserção profissional resultou no desenvolvimento de sua autonomia, além de possuir um novo papel no contexto da família. O adolescente parece adquirir também maior poder de definir as escolhas pessoais e profissionais, passando a se integrar à sociedade de maneira mais estruturada.

5.5 A experiência do primeiro emprego

Foi possível perceber também a inexperiência, o medo, o receio, o que não é surpreendente se considerarmos que se trata de um adolescente no contato com seu primeiro emprego. Os depoimentos a seguir exprimem o sentimento e as dificuldades enfrentadas, mas também as novas perspectivas que se delineiam a partir da sua superação:

Quando comecei o trabalho eu cheguei um pouco nervoso, mas aí eu fui adquirindo confiança; foi assim, a experiência que eu não sabia que ia conseguir, sabe. Eu achei que eu não ia nem passar na entrevista. Aí, naquele “baque” assim, eles sempre me apoiando, deu total confiança, tanto que eu passei. (E3)

Tá sendo muito bom o trabalho, porque lá estou aprendendo muita coisa para poder entrar no mercado de trabalho, e já teve uma visão do que eu

quero para o meu futuro. No início, não foi medo, mas tinha uma visão diferente de como seria o meu emprego, mas é uma coisa totalmente diferente do que eu pensava ser. Tá sendo bem melhor do que eu imaginava. Ah, o trabalho para mim está sendo importante, porque além de ter o benefício do salário e tudo, lá a gente vai sempre se aprimorando, tendo mais conhecimento para poder ajudar, né, para seguir adiante, porque hoje a gente está como um jovem fazendo um estágio e mais pra frente, quando a gente sair daqui, a gente vai ter que encaminhar com as nossas próprias pernas; então está sendo de grande valia. (E5)

O meu primeiro emprego foi numa papelaria, não tive dificuldades; foi o contrário, por falar demais mesmo (risos). Sempre fui muito espontânea, falo demais, acabava que o cliente queria uma sugestão de um produto, e eu dava uma opinião e não podia dar opinião, então assim eu tive problema por falar demais, por expressar demais. (E6)

Eu comecei a trabalhar com 14 anos. Talvez a maior dificuldade que eu tive foi entender que aquela essência da responsabilidade que carrego com você. Eu trabalhava no Gabinete do Prefeito, naturalmente o ambiente na época foi muito ruim, porque estava no final da gestão do Ademir Ragazzi, que era o prefeito da época e que estava sendo cassado; então, naquele momento de um ano de crise no governo eu trabalhava no gabinete; então eu peguei toda essa fase. (E9)

Esses relatos ilustram bem os impactos da inserção do jovem no mercado de trabalho. Nesse sentido, Kimmel e Weiner (1998) concluem que o jovem desenvolve normativamente sua identidade quando toma decisões ocupacionais de maneira mais racional e sistemática, marcada pela exploração vocacional e pela autoconfiança. Para esses autores, à medida que o adolescente vai encontrando oportunidades, vai reduzindo gradualmente a lista de possibilidades, decidindo por uma profissão que seja de seu interesse e compatível com suas aptidões.

No entanto, em alguns casos, percebe-se que o adolescente enfrentava uma rotina muito próxima à do adulto, o que pode ter tido efeitos negativos na sua formação, conforme se observa no depoimento a seguir, no qual um egresso relata sua experiência anterior à regulamentação do trabalho do jovem pela instituição:

Eu tinha uma responsabilidade de um empregado mesmo, é isso era muito “barra” pra mim, quando eu comecei a trabalhar, é... isso... na verdade pra mim a guarda mirim era muito mais associado ao trabalho do que com a disciplina, porque disciplina eu já tinha. Eu lembro exatamente disso, a gente trabalhava mesmo, então era quase uma empresa, naquele momento eu nunca enxerguei a guarda mirim como um projeto social de... hoje eu consigo fazer essa reflexão “de cara” depois de... de esse tempo todo fora, mas naquele momento era uma porta de emprego para o mercado de trabalho. A maioria da minha turma era muito claro, a gente estava ali para conseguir trabalhar. Quando eu tinha 12 anos, trabalhava meio período, aos 13 eu consegui ir para Bartofil, eu trabalhava como *office-boy* interno do

escritório no centro e eram três andares, não fazia serviço externo não, mas eu deslocava documentos e às vezes fazia algum trabalho interno lá dentro. Trabalhava 8 horas por dia então é... eu era um empregado de 8 horas e recebia como um salário sem registro na carteira desse período, por exemplo, isso não conta para mim para aposentadoria, eu chegava às 7:30h, fazia uma hora e meia de almoço e saía às 17 h, 17h30. No ano seguinte, eu voltei a trabalhar meio período na prefeitura, mas nessa época eles tinham uma rotina de trabalho de meio período ou de um período inteiro, então de 4 a 8 horas, as nossas relações de trabalhos não eram regulamentadas não. Se por um lado a gente tinha uma possibilidade de não estar na rua e ter um emprego, por outro lado as empresas ganhavam um trabalhador sem pagar nenhum direito. A Guarda Mirim ficava com 10% disso pra manter as rotinas deles lá e mesmo assim esse percentual não dava pra manter a estrutura; a prefeitura dava uma parte também, deslocava funcionários pra lá, e o Ministério do Trabalho não tinha chegado lá não, eu sei que aconteceu isso em algum momento, tiveram algumas ações... (E7)

Esse relato mostra, portanto, a execução de um trabalho pelo adolescente, em um contexto adverso, isto é, quando as condições laborais se apresentam desfavoráveis. No entanto, um dos egressos ressaltou a oportunidade que encontrou por meio do seu primeiro emprego, e os impactos positivos perduram até hoje:

Então, foi meu primeiro aqui, eu vim direto para Bartofil, fiquei muito satisfeito na época. Eu fui guarda mirim e depois de três meses eu fiz entrevista e já me enviaram aqui para Bartofil e aqui no meu emprego o que eu esperava encontrar, eu encontrei. Foi oportunidade, um ótimo local para trabalhar, desde da minha função de guarda mirim até os diretores, nunca reclamei de nada aqui, até mesmo porque não tenho motivo. Quanto à instituição, você é cobrado a ter disciplina, se não fizer o que está lá na cartilha, você é punido, chamam sua atenção. Te educam tanto em casa quanto na Guarda Mirim, então o que eu esperava encontrar nas duas instituições tanto aqui na empresa quanto na Guarda Mirim eu encontrei até mais que eu esperava. (E8)

Assim, esse entrevistado obteve a oportunidade do primeiro emprego, por meio da Guarda Mirim, permanecendo na mesma empresa até hoje. O depoimento a seguir mostra que os adolescentes, de modo geral, são inseridos no trabalho, realizando atividades bem simples, e, aos poucos, vão encontrando novas oportunidades de aprendizado:

O início foi engraçado pelo seguinte, porque a gente no início, como a gente não sabia fazer nada, as funções eram muito simples, até de fazer café no cartório. Eram funções muito simples, a gente não tinha experiência, tinha só 14 anos, aí o próprio cartório também ajudou. O cartório na época, não existia essa questão de computador, informática, era aula de datilografia. Eu me lembro que o cartório me pagou minha primeira aula de datilografia, então fiz o curso para poder, aí sim, começar a desenvolver as funções do cartório, as funções mais específicas do cartório né, que era elaboração de documentos, fazer os registros propriamente dito, pois era Cartório de

Registro de Imóveis. Então no início foi bem difícil porque as funções eram simples mesmo, desde tirar a poeira dos móveis, levar documentos, entregar documentos e ir ao banco fazer pagamentos, essas funções assim e depois que as coisas foram aprimorando, fui podendo estar fazendo outros cursos, aí que foi proporcionando conhecimento da área e aí foi melhorando. (E10)

5.6 O sentido do trabalho para os adolescentes

Em relação ao significado do trabalho adquirido por meio da experiência do primeiro emprego na Guarda Mirim, neste tópico reporta-se aos depoimentos daqueles que estão participando, atualmente, da instituição e que, portanto, são adolescentes entre 15 e 17 anos de idade (denominados Grupo 1).

De modo geral, observou-se que o trabalho para eles significa a possibilidade de estabelecer uma interação social, um meio de adquirir o sustento da família, uma oportunidade de inserção no mercado do trabalho, de adquirir responsabilidades, de aprendizagem:

O trabalho para mim foi bom porque permitiu conversar mais com as pessoas, conhecer a área de trabalho, eu me adaptei bem lá. O trabalho modificou a minha vida, eu não fico mais à toa em casa, aí eu posso sair de casa para me deslocar é meu motivo encontrar mais com as pessoas. Com o salário eu ajudo minha mãe e posso comprar o que eu quero. Para mim, o trabalho representa uma oportunidade boa. (E1)

Agora com o meu trabalho, eu posso ajudar dentro de casa, comprar as coisas pra ajudar em casa, as coisas que eu quero. Antes de entrar aqui, eu era meio... muito largado com as coisas, aí quando eu entrei aqui que comecei a assumir o compromisso, aí começou a responsabilidade, começou meu emprego, aí mudou. (E2)

O trabalho representa para mim hoje, uma experiência que eu posso levar pro futuro né, porque comecei a trabalhar num escritório e se Deus quiser eu faço uma faculdade, já ter uma noção mais ou menos. (E3)

O trabalho significa para mim, conhecimento, a cada dia a gente aprende mais, tanto com as pessoas quanto com quem a gente trabalha, com quem a gente convive diariamente, cliente... e quem frequenta os lugares mesmo né? Aprendizagem muito grande. (E4)

O trabalho para o jovem e o adolescente pode ter implicações positivas quando propicia aprendizagem e é revestido de significado, relacionando, dessa forma, a

identidade e a escolha profissional (ERIKSON, 1987). Ademais, esses depoimentos vão, pelo menos em parte, ao encontro dos resultados das pesquisas de Rizzo e Chamon (2011) e de Fortunatti e Lucas (2013), para quem o significado do trabalho para um jovem ou adolescente se fundamenta em características peculiares pelo fato de se tratar de um indivíduo em processo de formação, que geralmente não possui ainda uma profissão estabelecida, e basear sua inserção na sua condição social e na necessidade de aumentar o poder aquisitivo familiar. No entanto, percebe-se que o trabalho assume, para esses jovens, o lugar de conquista de certa liberdade econômica e, ao mesmo tempo, de possibilidade de acesso ao mercado de consumo, mas aparece também o sentimento de utilidade que o adolescente desenvolve, passando a se sentir mais importante e valorizado.

Assim, um ganho concreto do trabalho que emerge no depoimento do adolescente concerne ao fato de permitir a ele alcançar outro patamar no espaço familiar, conquistando seu lugar no mercado de consumo e adquirindo um *status* próximo ao do adulto. Mas esse depoimento enfatiza igualmente o aumento da autoestima e do sentimento de responsabilidade como aspectos positivos e benéficos da entrada precoce do adolescente no mercado de trabalho. Nesse sentido, percebe-se, por meio de seus relatos, como os adolescentes vivenciam positivamente o trabalho, ainda no período em que se encontram como iniciantes na vida profissional. De modo geral, eles visualizam sua função como maneira de produzir conhecimento e amadurecer, permitindo-lhes adquirir experiência para as próximas atividades empregatícias que vierem a realizar, resultado esse também constatado por Fortunatti e Lucas (2013) e que se confirmou igualmente na pesquisa com os egressos da Guarda Mirim.

5.6.1 Aprendizado e expectativa

Foi solicitado aos entrevistados do Grupo 1 que fizessem avaliação da sua participação na Guarda Mirim e qual a percepção que eles têm do benefício dessa experiência para o seu futuro. De modo geral, eles consideram que essa experiência vai-lhes proporcionar mais preparo para o futuro, no que tange a disciplina, aprendizado e descoberta de novas oportunidades, conforme os depoimentos a seguir:

A minha participação vai trazer um bem para sociedade, para mim mesmo até para o currículo no futuro. Pretendo seguir a carreira militar. (E1)

Em relação ao futuro, vai ajudar porque me proporcionou a ter mais responsabilidade, a aprender muita coisa. Senti que através do trabalho, eu ia poder ajudar em casa, ter uma vida boa, é muito importante. (E2)

Aqui na Guarda Mirim quem participa já tem um preparo maior. Porque a Guarda Mirim também eles “puxam a orelha” da gente; igual na escola, a oportunidade dele de usar droga é muito maior do quem tá na Guarda Mirim. A Guarda Mirim tá sempre influenciando a estudar, a fazer o certo. Eles conversam com a gente, sempre influenciando a gente a fazer o bem. Se eu fizer um concurso pra entrar pro exército, já vou estar mais preparado quando chegar lá. (E3)

Para mim eu tenho muito que agradecer pela primeira oportunidade, porque menor de 18 anos a gente não encontra oportunidade tanto de serviço quanto de aprendizado assim e lá eles te dão essa oportunidade. Lá é muito bacana, tira muitos jovens da vida das drogas, enfim, quem quer mesmo e tem boa vontade de ter uma vida melhor, quanto no aprendizado mesmo, não só por causa do trabalho, você está ali aprendendo todo dia, eu acho muito bacana. Eu acho que traz uma influência boa, porque tudo que a gente aprende a gente leva para o futuro da gente como a convivência social, o que a gente aprende desde agora e a gente leva para o futuro. (E4)

Ah, eu acho muito importante, muito legal estar aqui, participando de tudo, porque eu me sinto, como se diz, orgulhosa de mim mesmo de estar participando disto aqui, porque muitos jovens hoje em dia não querem participar. Hoje mesmo estava fazendo uma atividade e muitos não querem participar, muitos acham que é coisa boba, a toa, mas é uma coisa gratificante de estar fazendo. Para o futuro vai ser de grande valia, porque através da Guarda Mirim a gente já aprendeu muitas coisas aqui, também por ter encaminhado a gente para o meu primeiro emprego, lá na delegacia já consegui aprender muita coisa para entrar no mercado de trabalho, já estou preparada. Eu estou pensando em fazer Direito. (E5)

Percebe-se que alguns jovens veem a participação na Guarda Mirim como a porta de entrada para uma futura carreira militar, sugerindo que e a experiência nessa instituição pode ter impacto bem mais importante, definindo toda uma trajetória de vida.

Enfim, embora a dupla jornada trabalho-estudo represente desgaste e esforço, muitos adolescentes desejam conciliar as duas atividades, associando elementos positivos à concomitância do estudo e do trabalho. Entre os aspectos positivos, eles assinalaram a maior maturidade do aluno trabalhador, o aprendizado resultante do trabalho e a construção de um futuro que lhes permita ascender a uma carreira

profissional, além da possibilidade de superação da sua atual condição de classe. Esses resultados foram similares aos encontrados por Amazarray *et al.* (2009).

5.7 O significado do trabalho para os ex-guardas mirins

Os ex-guardas mirins entrevistados, denominados Grupo 2, estão hoje na faixa etária entre 32 e 42 anos. Portanto, todos têm mais de 15 anos que passaram por essa experiência, e todos estudaram e estão inseridos no mercado de trabalho. Foi solicitado que eles falassem sobre o significado que o trabalho adquiriu em suas vidas, observando-se que essa atividade foi relacionada à sobrevivência, independência financeira, realização, satisfação pessoal, dignidade e sentimento de utilidade:

Então significa tudo, a gente não consegue sobreviver sem o trabalho, na atual situação do modo geral falando, então significa tudo... é aqui onde eu tive a oportunidade de crescer desde que eu era guarda mirim até mesmo com pouca idade, e a empresa sempre confiou em mim. Então, eu vejo isso como tudo! Tudo ótimo!... partindo desde a Guarda Mirim até hoje, pois permaneci aqui na Bartofil. (E8)

O trabalho no modo geral, talvez o primeiro passo da dignidade; trabalhar efetivamente faz você se sentir digno e útil, fazendo alguma coisa, fazendo parte de alguma coisa. Está muito ligada à satisfação pessoal se sentir útil e capaz. Eu atribuo muito ao trabalho te permite se sentir realmente digno. (E9)

A fala a seguir mostra que, à época da participação do entrevistado na Guarda Mirim, o trabalho possuía para ele o sentido do emprego e de remuneração, mas no decorrer do tempo, com seu crescimento profissional, assumiu outra dimensão:

Naquele tempo da Guarda Mirim, o trabalho para mim estava associado a ter uma remuneração financeira pra eu poder ter as coisas que eu precisava e que os meus pais não podiam me dar ou ao mesmo tempo aliviar o orçamento deles com as coisas que eles precisavam comprar pra mim e pro meu irmão. Eu recebia meio salário, e naquele momento você entendia essa lógica assim, como um complemento do salário que a gente tinha em casa. Hoje pra mim o trabalho é além da questão financeira, eu não consigo mais encarar o meu trabalho somente como uma coisa que vai me dar um retorno financeiro, efetivamente eu tenho que ter alguma ligação com o que eu faço. Eu sou formado numa área completamente diferente da que eu trabalho hoje, eu me formei num curso de licenciatura, bacharelado, e hoje eu trabalho na área administrativa, que é uma coisa que me dá satisfação. O trabalho pra mim hoje tá muito mais associado a essa perspectiva, da remuneração, mas dá satisfação pessoal também. (E7)

Nesse sentido, essa fala e que será reportada a seguir vão ao encontro de Maar (2006), ao mostrar o trabalho como um meio de alcançar o aprendizado, o crescimento individual e a realização. Trata-se de um depoimento que corrobora Morin (2001), ao ressaltar que o trabalho cheio de sentido é aquele que o sujeito tem liberdade e vontade de se realizar, sendo exercido individualmente, mas sem perder seu cunho social, ou seja, de modo a contribuir para a construção da identidade, mas também para o funcionamento da sociedade em geral:

Com a remuneração, você cria uma sensação de independência, né, parece que você não precisa de mais nada, parece que você virou adulto. Você se sente independente, você tem dinheiro para suas necessidades, precisa de mais ninguém, você tem uma falsa sensação. Lógico que depois lá em casa, por exemplo, meus pais puxavam para a realidade, que não era desta forma. O dinheiro era meu, eu usava com as coisas para mim. Mas hoje o trabalho para mim é uma realização, o complemento de tudo que eu sou. Hoje, eu me sinto mais útil, me sinto melhor, estar podendo ajudar as pessoas, poder contribuir de certa forma para as pessoas e ao mesmo tempo aprendendo muito com essas pessoas, compartilhar no sofrimento delas, trabalho é complemento e é uma realização. (E6)

A centralidade do trabalho pode ser entendida também como o nível de relevância e o valor do trabalho na vida de uma pessoa em determinado período de tempo, identificando em que medida o trabalho é central para a sua autoimagem, o que corrobora os estudos de Tolfo e Piccinini (2007) e Morin (2001). Desse modo, trata-se ainda de uma atividade capaz de influenciar na formação da identidade, podendo afetar o comportamento das pessoas, causando mudanças no seu modo de ser e estar em sociedade:

O trabalho é indispensável para a gente, né, hoje em dia, questão da dignidade do homem, para o ser humano ter dignidade ele tem que ter um trabalho; então, é questão de dignidade mesmo da pessoa, se ela não trabalha não sente valorizada, se sentir útil. Enfim, ela precisa ter um trabalho, então trabalho é imprescindível na vida da pessoa, retratei que a Guarda Mirim foi fundamental então na minha vida. Foi fundamental na minha carreira, na minha formação, no meu pensamento como ser humano, como profissional foi fundamental, de valorizar as coisas, de valorizar o trabalho. (E10)

Em suma, o trabalho integra um grande espaço na vida, mais do que qualquer outra atividade, revelando aspectos ligados ao dinheiro, que é um dos principais meios que muitos utilizam para satisfazer seus desejos, mas vai além ao proporcionar o desenvolvimento das potencialidades, proporcionar contatos sociais, identidade social e coletiva, trazendo a sensação de pertencimento. Os depoimentos ratificam

os estudos de Giddens (2005) e Thiry-Cherques (2004), ao revelarem que essa centralidade faz que o indivíduo se sinta parte do mundo e identificado com o produto do seu trabalho. Assim, o sentido do trabalho ultrapassa as barreiras do individual e envolve o espaço social e coletivo, sendo fundamental para os indivíduos aprenderem o seu próprio respeito por meio do outro, desenvolvendo laços de confiança, convivência e solidariedade (DEJOURS, 2001).

5.7.1 Impactos sobre o futuro – Ex-guardas mirins

Os depoimentos a seguir, do Grupo 2, evidenciam os impactos na vida dos ex-guardas mirins, da sua participação na instituição, ao lhes proporcionar sua experiência de um primeiro emprego na adolescência. Os depoimentos apontam que eles adquiriram disciplina, responsabilidade, amadurecimento, habilidade no convívio social, aprendizado nas relações de trabalho, conhecimento de cidadania, noções do mercado de trabalho e oportunidades de emprego:

Para mim foi muito bom participar da Guarda Mirim, porque trabalhou muito a disciplina, muita responsabilidade a cobrança em cima da gente, postura mesmo! Foi um aprendizado muito bom, embora eu achasse a cobrança naquela época muito pesado. Hoje, pelo que eu vejo, é bem mais flexível, mas na nossa época era bem pesado. Eu acho que impactou mais na vida pessoal de crescimento e amadurecimento, porque na verdade naquela época... Hoje, eu sigo uma profissão totalmente diferente que imaginava naquela época, nem se passa na minha cabeça seguir na área da saúde, mas me deu amadurecimento pessoal de crescimento mesmo aprendizagem, respeito, saber conviver com outras pessoas de condição de vida totalmente diferente também. (E6)

Na verdade, a experiência da Guarda Mirim pra mim ela teve um impacto muito mais nas relações de trabalho do que qualquer outra coisa, e isso foi muito importante pra mim, assim, hoje eu enxergo. Comecei a trabalhar com 11 anos, por 4 horas por dia. Aos 13 anos eu trabalhava 8 horas por dia e ia para a escola à noite. Naquele momento, eu fazia isso, mas eu acho que me ajudou muito a entender essa perspectiva do trabalho, as relações de trabalho, e da responsabilidade, isso foi muito positivo para mim. Eu vejo que de alguma maneira, apesar de algumas críticas, eu acho que é um projeto interessante, no treinamento a gente já passava por isso já, então a gente tinha que pegar às 7 h, se você chegasse 7h01, você tinha problema, porque a gente tinha uma disciplina que era militar assim, então a gente tinha que chegar às 7 h. Ajudou, isso eu vejo como algo positivo, eu não gostava, tanto é que eu sempre tive pra mim que eu jamais seria um trabalhador ligado à área militar ou algo parecido como “não, senhor”, “sim, senhor”. Eu achei importante, mas essa coisa da responsabilidade com o trabalho eu adquiri lá, inclusive no segundo emprego que eu trabalhava no escritório. Eu tinha uma rotina de trabalhador, mas eu era uma criança. Então as minhas relações com as pessoas de lá do meu trabalho não eram relações de profissional que eu tenho hoje, as relações de trabalho que eu

estabeleço com meus colegas aqui é uma relação completamente diferente, mas naquele momento isso já foi me moldando, para entender o que significa o trabalho para uma perspectiva de relação social. (E7)

Com 14 anos, apesar de não ter tido nenhuma experiência de trabalho naquela época, o fato de você entrar para Guarda Mirim, me direcionou para que entrasse para o mercado de trabalho. Se não fosse A Guarda Mirim, você não conseguiria trabalho na época, fui direcionado para o cartório de imóveis Ponte Nova. Eu fiquei durante todo o meu período lá no cartório, e com isso o cartório pode ver minha prestação de trabalho e logo após a saída da Guarda Mirim eu continuei trabalhando lá. Venceu meu prazo na Guarda Mirim eu tive que sair por idade, salve engano com 18 anos, aí o cartório resolveu continuar comigo. Eu fiquei mais 10 anos no cartório trabalhando. Foi através daquela chance que tive meu primeiro emprego e durou por muito tempo. E logicamente o trabalho no cartório ajudou a formar minha personalidade, meu jeito de ser, eu passei a gostar, a escolher uma área para minha vida. Pelo trabalho no cartório eu comecei a gostar da área do direito porque convivia muito com isso, aí tive a vontade de fazer o curso de Direito. Quando acabei o curso, busquei outros caminhos. Assim, pensando, foi a origem de tudo. Talvez se eu não tivesse entrado para a Guarda Mirim meu destino seria outro; eu devo muito à Guarda Mirim. Como outros colegas que foram para outras áreas, porque conheço muitos colegas que estão hoje ligados àquele primeiro emprego; então, para mim é determinante o que a pessoa vai ser, seguir com profissão na vida é determinante a primeira oportunidade. (E10)

A vivência na Guarda Mirim mostrou-se positiva para todos os entrevistados, pois a partir da sua participação e do primeiro emprego conseguiram dar um direcionamento para seu futuro profissional. Em um dos casos, a pessoa continua na mesma empresa até os dias atuais. A oportunidade de sua participação permitiu uma mudança comportamental e social e também impactou na escolha da profissão. No outro exemplo, o seu primeiro emprego foi na prefeitura, formou-se em Direito e atualmente é Assessor Parlamentar da Câmara Municipal de Ponte Nova, conforme as falas a seguir:

Agradeço muito a Guarda Mirim, minha família também agradece muito; acho que grande parte da população de Ponte Nova que teve seu filho na Guarda Mirim ou que de repente não teve também agradece por que indiretamente ele também está sendo beneficiado, por que que o filho dela pode ter uma boa educação em casa e tal... E de repente o do vizinho não. Então, se ele passou pela Guarda Mirim, ele com certeza se tornou uma pessoa melhor. Então, para sociedade de modo geral a Guarda Mirim contribuiu tanto para quem passou por lá como quem também não passou. Para você ter um bom "Fruto" você tem que cuidar da planta quando ela ainda está novinha, então é o caso nosso dos jovens, então isso eu vou levar pra vida inteira o aprendizado na Guarda Mirim, como educação, de ser um bom cidadão, de ser um jovem educado; isso ninguém tira de mim. Porque de repente, se eu não estivesse na Guarda Mirim eu poderia hoje ter uma história diferente para te contar; eu poderia não estar aqui na Bartofil, eu poderia estar de repente em outro lugar que eu não queria, que minha mãe não queria. Então me ajudou muito a ser quem eu sou; hoje agradeço muito e só tenho a elogiar. (E8)

Meu primeiro emprego foi na prefeitura, foi o trabalho que me trouxe aquela proximidade de conhecer mais gente, teve um grande impacto na minha vida por me aproximar de um mundo que era completamente distante. Esse convívio que a gente tem com o poder público, que lá fora as pessoas encaram como uma coisa de poder de autoridade, algo intocável, intangível, o grande impacto foi encarar quem na verdade as pessoas “estão” alguma coisa e não “são” alguma coisa, a função que exerce é só uma função e não te transforma em algo melhor que ninguém. Talvez esse foi o impacto positivo para mim. (E9)

Em síntese, esta pesquisa permitiu descrever e analisar os relatos dos jovens em situação de risco e vulnerabilidade social que participam ou participaram da Guarda Mirim de Ponte Nova. Revelou que, para esses jovens, a inserção no mundo do trabalho se compara, muitas vezes, a uma possibilidade de alcançar a realização pessoal. Melhor explicando, eles percebem que a família e a sociedade passam a respeitá-los pela condição de trabalhadores e a se enxergar de outra forma, sua autoestima se eleva e se sentem independentes, responsáveis e satisfeitos. O maior poder de consumo também explica o sentimento de satisfação, pois, segundo esses jovens, é importante poder comprar o que necessita e o que deseja com dinheiro do seu próprio trabalho e contribuir no orçamento familiar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação permitiu concluir que a motivação inicial para a participação na Guarda Mirim é o primeiro emprego relacionado à necessidade de ajudar no sustento da família. Além dessa questão meramente material, surgiram outras motivações como a carreira militar, o uso da farda e a busca de uma oportunidade. Praticamente, todos os sujeitos declararam ter alcançado, pelo menos em parte, seus objetivos, o que sugere que, para jovens que fazem parte das classes populares, a inserção laboral pode representar uma possibilidade de transformação de sua realidade social para uma perspectiva melhor.

Entre os atuais integrantes da instituição, não se observaram muitas críticas à instituição e ao seu funcionamento. Já os depoimentos dos ex-guardas mirins mostram uma realidade diferente. A rigidez de uma educação militar foi mais evidenciada, emergindo uma visão um pouco mais negativa e sugerindo que, atualmente, existe menos rigor, ou seja, a instituição apresenta flexibilidade maior.

Essa mudança na instituição foi uma adequação da Guarda Mirim de Ponte Nova às exigências modernas do mercado de trabalho e às transformações ocorridas na sociedade. Assim, foi realizada a reestruturação da filosofia de trabalho, das metas sociais com nova estrutura administrativa e adotando um modelo educacional e de profissionalização. Tal adequação foi também uma conformação ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Lei do Menor Aprendiz, garantindo aos adolescentes os benefícios trabalhistas, por meio do registro em Carteira de Trabalho, e assegurando os direitos trabalhistas garantidos pela Constituição Federal.

Seja como for, a participação dos adolescentes na Guarda Mirim acabou refletindo tanto no seu contexto familiar quanto social. Apesar de alguns, no primeiro momento, falarem que não houve alteração no convívio familiar, eles terminaram admitindo que a remuneração trouxe benefícios para sua vida pessoal e familiar, ao permitir que auxiliasse no orçamento doméstico.

Conclui-se igualmente, pelos relatos, que a entrada na Guarda Mirim alterou vários comportamentos, no sentido de adquirir responsabilidades, disciplina, desenvolvimento de atitudes mais respeitadas no contexto familiar, mas na sociedade em geral, ensinando a ouvir melhor e a respeitar as diferenças.

Assim, a oportunidade de participar do sustento da família, de comprar bens com o resultado do seu trabalho, é ressaltada com orgulho pelos adolescentes. Nessa ótica, a possibilidade de inserção profissional resulta no desenvolvimento de sua autonomia, demonstrando o poder de definir as escolhas pessoais e profissionais e delineando a adaptação e a integração do jovem à sociedade de maneira estruturada. Os pais apoiam seus filhos nessa experiência, referindo-se ao amadurecimento, comprometimento e responsabilidade que o trabalho pode oferecer.

Apesar de iniciarem suas atividades profissionais realizando atividades bem simples, os adolescentes e os egressos evidenciaram a possibilidade de ver nessa experiência uma oportunidade de aprendizado e crescimento pessoal. Apesar de estarem submetidos ao controle que os superiores exercem sobre suas atividades laborais, conclui-se que os adolescentes que trabalham também têm a oportunidade de conviver com iguais e aprender a ordenar suas formas de sociabilidade e suas representações, o que amplia suas experiências e contribui para o processo de amadurecimentos psicológico e intelectual.

Outro fato a ser destacado é o sentimento de utilidade que o adolescente desenvolve, passando a se sentir mais importante e valorizado, após começar a trabalhar. Os depoimentos enfatizam o aumento da autoestima e do sentimento de responsabilidade como aspectos positivos e benéficos da entrada precoce do adolescente no mercado de trabalho. Os relatos permitem concluir que esses jovens vivenciam positivamente o trabalho, ainda que seja uma atividade simples, como ocorre no seu primeiro emprego. De modo geral, eles visualizam sua função como uma maneira de produzir conhecimento e amadurecer, permitindo-lhes adquirir experiência para as próximas atividades empregatícias que vierem a realizar.

A centralidade do trabalho foi identificada por meio dos depoimentos quanto ao nível de relevância e ao valor do trabalho na vida de uma pessoa em determinado período de tempo, identificando em que medida o trabalho é central para a sua autoimagem, no sentido de que o sujeito tem liberdade e vontade de realizá-lo, sendo exercido individualmente, mas sem perder seu cunho social. Melhor explicando, de modo a contribuir para a construção da identidade, pode afetar o comportamento das pessoas, causando mudanças no seu modo de ser e estar na sociedade.

Sobretudo nos relatos dos ex-guardas mirins, observa-se que o trabalho ocupa grande espaço em suas vidas, mais do que qualquer outra atividade. Embora seja um meio que muitos utilizam para satisfazer seus desejos materiais, o sentido dessa atividade vai além, ao proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades e contatos sociais, identidade social e coletiva, trazendo a sensação de pertencimento. É também fundamental para os indivíduos aprenderem o seu próprio respeito por meio do outro, desenvolvendo laços de confiança, convivência e solidariedade.

Em suma, a vivência na Guarda Mirim mostrou-se positiva para todos os entrevistados, pois a participação nessa entidade e o primeiro emprego foram fundamentais para o direcionamento futuro da formação acadêmica das profissões desses jovens.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. P. L. **“Na minha época as meninas estavam no comando”**: a constituição de feminilidades na Escola de Guardas Mirins Tenente Antônio João, na cidade de Ponta Grossa, Paraná. 2017. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR. 2017.
- ALONSO, F. S. A. A. *et al.* Trabalho e aprendizagem: as perspectivas de futuro profissional de jovens aprendizes na cidade de Três Rios, RJ. **Revista de Administração do Unifatea**, v. 13, n. 13, p. 6-188, jul./dez. 2016.
- AMAZARRAY, M. R. *et al.* Aprendiz *versus* trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** (UnB. Impresso), v. 25, p. 329-338, 2009.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Boitempo, 2015. v. 1, 287 p.
- ARANTES, E. M. M. De criança “infeliz” a menor “irregular”. Vicissitudes na arte de governar crianças. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; VILELA, Ana Maria Jacó (Org.). **Clio-Psyché: histórias da psicologia no Brasil**, Rio de Janeiro, NAPE/UERJ, v. 1, p. 257-260, 1999.
- ARAÚJO, R. M. L. **A respeito da centralidade do trabalho**. 2010. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/ce/gepte/imagens/artigos/centralidade%20do%20trabalho%20-%20doutorado.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2018.
- ASMUS, C. I. R. F. *et al.* Atenção integral à saúde de adolescentes em situação de trabalho: lições aprendidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, p. 953-960, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- BERMÚDEZ, A. C. **No Brasil, 44% dos estudantes de 15 e 16 anos trabalham mostra ranking**. 2017. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/04/19/no-brasil-44-dos-estudantes-de-15-e-16-anos-trabalham-mostra-ranking.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: problems and techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, n. 2, p. 141-163, nov. 1981.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. 336 p.
- BOTH, T. L. **Jubilamento**: o interdito de uma vida de trabalho e suas repercussões na velhice. 2004. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) –

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**.

Brasília 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 25 ago. 2018.

BRASIL. Planalto. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm. Acesso em: 7 set. 2018.

BRASIL. Planalto. **Lei nº 10.097**, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10097.htm. Acesso em: 7 set. 2018.

BRAVO, S. R. **Técnicas de investigação social**: teoria e ejercicios. 7 ed. rev.

Madrid: Paraninfo, 1991.

CAMPOS, H. R.; FRANCISCHINI, R. Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, PR, v. 8, n. 1, p. 119-129, 2003.

CARVALHO, J. A. S. **Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil**: concepções, dados estatísticos, legislação, mecanismos de inserção e políticas públicas. 2004. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/146.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

CASSILHA, D. A. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná/Secretaria da Educação, 2014.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CODO, W. **O que é alienação?** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA, R. P.; ALÍPIO, S. Trabalho compulsório? O sentido do trabalho para os jovens que cumprem a Medida de Prestação de Serviço a Comunidade – PSC. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, MG, v. 4, n. 2, jul. 2010.

COUTINHO, M. C.; GOMES, J. S. Sentidos do trabalho: reflexões a partir de uma oficina vivencial desenvolvida com jovens. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2006.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Trad. por Magda Lopes. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010. 248 p.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R. Trabalho infanto-juvenil: motivações, aspectos legais e repercussão social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 437-441, abr./jun. 1998.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 1998.

DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações**: a banalização da injustiça social. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

DEJOURS, C. Prefácio. In: MENDES, Ana Magnólia. **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2005. v. 1, p. 62-83.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Trad. por G. Amado. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. (Trabalho original publicado em 1950).

FERREIRA, A. C. O. **A representação social do trabalho para adolescentes trabalhadores**. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté, Taubaté, SP. 2014.

FORTUNATTI, A. F. S.; LUCAS, M. G. Jovem aprendiz: benefícios do trabalho na adolescência. **Unoesc & Ciência** – ACBS, Joaçaba, BA, v. 4, n. 2, p. 155-64, jul./dez. 2013.

FRANCO, M. L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber, 2008.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, p. 148-170, 1961.

GUARDA MIRIM DE PONTE NOVA – GMPN. **Relatório de Atividades 2017**.

GUIMARÃES, R. M.; ROMANELLI, G. A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. **Psicologia em Estudo**, Maringá, PR, v. 7, n. 2, jul./dez. 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=317130&search=||in fogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

KIMMEL, D. C.; WEINER, I. B. **La adolescencia**: una transición hacia el desarrollo. Barcelona: Ariel, 1998.

- LIMA, M. E. A. Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. **Educação e Tecnologia**, v. 12, n. 3, p. 5-9, 2007.
- LUNDBERG, C. D.; PETERSON, M. F. The meaning of working in U.S. and Japanese local governments at three hierarchical levels. **Human Relations**, Londres, v. 47, n. 12, p. 1459-1487, dez. 1994.
- MAAR, W. L. A dialética da centralidade do trabalho. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 4, dez. 2006.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. 13. ed. Livro 1, vol I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- MERLO, A. R. C. Psicodinâmica do trabalho. In: JACQUES, M. G.; CODO, W. (Org.). **Saúde mental e trabalho**: leituras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 130-142.
- MIGEOTTE, L. Os filósofos gregos e o trabalho na Antiguidade. In: MERCURE, D.; SPURK, J. (Org.). **O trabalho na história do pensamento ocidental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.
- MOURA, L. S. Juventude e trabalho: o sentido do trabalho para o jovem aprendiz. **Rios Eletrônica (FASETE)**, v. 11, p. 216-227, 2017.
- OLIVEIRA, D.C. O. *et al.* A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 5, p. 27-39, 2003.
- OLIVEIRA, D. C. O. *et al.* Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 763-773, 2010.
- OLIVEIRA, V. M. D.; MARTINS, M. D. F.; VASCONCELOS, A. C. Entrevistas “Em Profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: pistas teóricas e metodológicas. Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais. **SIMPOI**, v. 15, p. 1-12, 2012.
- PEDRO, F. R. A. O. **De “bandido” a “trabalhador”**: um estudo sobre a relação dos jovens com o trabalho a partir das medidas socioeducativas. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.
- PENROD, J. *et al.* A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. **Journal of Transcultural Nursing**, v. 4, n. 2, p. 100-107, apr. 2003.

PEREIRA, I. *et al.* **Trabalho do adolescente: mitos e dilemas**. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais da PUC-SP, 1994. (Caderno 2 – Série Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente).

RAMOS, F. P. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: PRIORE, M. D. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

RIZZO, C. B. S.; CHAMON, E. M. Q. O. O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 407-417, nov. 2010/fev. 2011.

SALVETI, L. H. **A educação na Guarda Mirim de Santa Bárbara D'Oeste (1971–1998): uma aproximação com a Opera Nazionale Balila**. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo. 2017.

SARRIERA, J. C. Enfoque ecológico das relações saúde-trabalho. **Psico**, v. 26, n. 2, p. 65-80, 1995.

SARRIERA, J. C. *et al.* Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 1, p. 27-32, 2001.

SARRIERA, J. C.; VERDIN, R. Os jovens a procura de trabalho: uma análise qualitativa. **Psico**, v. 27, n. 1, p. 59-70, 1996.

SELIGMANN-SILVA, E. **O desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: Cortez, 1994.

SILVA, N. L. S. **A contratação de aprendizes: o reflexo da aprendizagem de adolescentes na cultura organizacional**. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008.

SILVA, V. H. Cidadania e inserção laboral assistida: a experiência do trabalho formal de adolescentes pobres. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 187-196; 173, maio/ago. 2011.

SILVA, T. J. A.; PACHECO, T. P. As consequências psicossociais do desemprego. **Revista Ciência Amazônica**, Porto Velho, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2017.

SMANIOTTO, M. A. **A burguesia rondonense em ação: a formação e atuação da Guarda Mirim (1966-1979)**. 2008. 326 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon, Marechal Cândido Rondon. 2008.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Sobreviver ao trabalho**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 38-46, 2007. Especial.

TONON, L.; GRISCI, C. L. L. Gestão gerencialista e estilos de vida de executivos. **Revista de Administração Mackenzie – RAM**, São Paulo, v.16, n. 1, p.15-39, fev. 2015.

VIANA, N. **Juventude e sociedade**: ensaios sobre a condição juvenil. São Paulo: Giostri, 2015.

YIN. R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os guardas mirins

- 1) O que o motivou a entrar para a Guarda Mirim?
- 2) O que você esperava encontrar e o que encontrou de fato?
- 3) O que o trabalho significa para você, de modo geral?
- 4) E o trabalho na Guarda Mirim, o que significa para você?
- 5) A sua participação na Guarda Mirim modificou a sua relação no contexto familiar? E no contexto social?
- 6) Qual a importância da Guarda Mirim para você? Faça uma avaliação dessa experiência
- 7) Que tipo de impacto você acha que essa experiência terá no seu futuro?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os ex-guardas mirins

- 1) O que o motivou a entrar para a Guarda Mirim?
- 2) O que você esperava encontrar e o que encontrou de fato?
- 3) O que o trabalho significa para você, de modo geral?
- 4) E o trabalho na Guarda Mirim, o que significa para você?
- 5) A sua participação na Guarda Mirim modificou a sua relação no contexto familiar? E no contexto social?
- 6) Qual a importância da Guarda Mirim para você? Faça uma avaliação dessa experiência.
- 7) Quais foram os impactos que a experiência na Guarda Mirim teve na sua vida?